



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALINE ROSANGELA BORTH

**A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS E A RELAÇÃO FAMILIAR: UMA
PERSPECTIVA ONTOPSICOLÓGICA**

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2023
ALINE ROSANGELA BORTH

**A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS E A RELAÇÃO FAMILIAR: UMA
PERSPECTIVA ONTOPSICOLÓGICA
(MONOGRAFIA)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),
apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia, do Curso de
Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade Antonio
Meneghetti (AMF).

Orientadora: Profa. Dra. Claudiane Weber

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2023

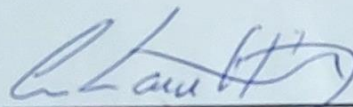
ALINE ROSANGELA BORTH

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS APRESENTADAS PELAS
CRIANÇAS E A RELAÇÃO FAMILIAR
(MONOGRAFIA)

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),
apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia, do Curso de
Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade Antonio
Meneghetti (AMF).

Orientadora: Profa. Dra. Claudiane Weber

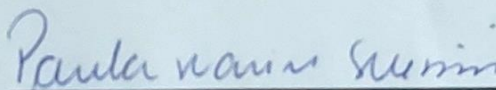
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Claudiane Weber
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti



Prof. Doutorando Bruno Fleck da Silva
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti



Profa. Doutoranda Paula Xavier Scremin
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Recanto Maestro, 20 de 07 de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar saúde, sabedoria e força para realizar este trabalho. Agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram e incentivaram nos meus estudos, e que me ensinaram os valores da educação e do respeito.

Agradeço à minha orientadora, Claudiane Weber, pela paciência, dedicação e orientação durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Aprendi muito com a sua experiência e conhecimento.

Agradeço aos meus professores, que me transmitiram o saber e me ajudaram a desenvolver o senso crítico e a capacidade de pesquisa.

Agradeço aos meus colegas de curso, que compartilharam comigo as dificuldades e as alegrias da vida acadêmica, e que se tornaram grandes amigos.

Agradeço à faculdade, pela oportunidade de cursar uma graduação de qualidade e por oferecer uma infraestrutura adequada para o meu aprendizado.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço também às entrevistadas, que gentilmente aceitaram participar da minha pesquisa e que me permitiram conhecer um pouco mais sobre as suas experiências.

Este trabalho é dedicado a todos que se interessam pelo tema das dificuldades de aprendizagem e a relação com a família, e que buscam formas de melhorar a educação e a qualidade de vida das crianças e dos adolescentes.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me incentivaram a estudar e a buscar os meus sonhos, com amor, carinho e dedicação. A eles, a minha eterna gratidão e admiração.

Dedico também aos meus amigos, que me acompanharam nessa trajetória, compartilhando momentos de alegria, tristeza, desafio e superação. A eles, o meu sincero reconhecimento e amizade.

Dedico ainda aos meus professores, que me ensinaram muito mais do que conteúdos, mas também valores, atitudes e competências. A eles, o meu respeito e a minha admiração.

Epígrafe

“O Saber aumenta espaço da própria vida, o abraço das coisas que existem.”.

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2009.

RESUMO

É imprescindível o efetivo diálogo entre a família e a escola no processo de aprendizagem da criança. No entanto, nesta interlocução, deve-se considerar a informação-base, o Em Si ôntico, de cada sujeito, ou seja, as peculiaridades que precisam ser levadas em conta no percurso de formação e de desenvolvimento deste. Este estudo apresenta como pergunta de pesquisa: a aprendizagem e a dificuldade de aprendizagem apresentadas pelas crianças, podem ter relação com a família? O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender o papel da família no processo de aprendizagem da criança, dentro da abordagem da Pedagogia Ontopsicológica, para contribuir numa formação à autorrealização. Para auxiliar nesta compreensão, o estudo tem como objetivos específicos: a) estudar o que é a aprendizagem, para crianças que frequentam a Educação Infantil e Ensino Fundamental; b) identificar o que contribui e o que dificulta a aprendizagem das crianças na relação família-escola. O estudo, uma pesquisa qualitativa, realizou-se a partir de uma revisão bibliográfica articulada com cinco entrevistas, realizadas com profissionais com conhecimentos teóricos e experiência prática com a Pedagogia Ontopsicológica. As perguntas foram: 1. Para você, o que é aprendizagem, dentro da abordagem da Pedagogia Ontopsicológica? 2. Em relação à família, no seu entender, qual o papel dela na aprendizagem da criança?; 3. A dificuldade de aprendizagem de uma criança, segundo a Pedagogia Ontopsicológica, pode ter relação com a família? Como? As conclusões do estudo sinalizam que as dificuldades de aprendizagem são um fenômeno complexo e multifatorial que requer uma abordagem interdisciplinar e integradora de casa e da escola. Mas o mais importante é que a família deve buscar ajuda, procurar psicoterapia, aprender sobre si mesma e cada indivíduo crescer como pessoa. A criança depende dela, e a partir da felicidade e satisfação da mãe ou do adulto-mãe, a criança também se tornará uma pessoa autônoma. Acreditamos que só assim é possível promover o pleno desenvolvimento das crianças e garantir o seu direito de viver da forma como nasceram.

Palavras-chave: Aprendizagem. Dificuldade de aprendizagem. Pedagogia Ontopsicológica. Família. Escola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A APRENDIZAGEM.....	11
2.1 RELAÇÃO APRENDIZAGEM E FAMÍLIA	16
2.2 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO.....	19
.3 MÉTODO.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
4.1 APRENDIZAGEM PARA A PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA	24
4.2 A FAMÍLIA E O PAPEL DELA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA	31
4.3 A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA EM RELAÇÃO A FAMÍLIA.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA	57

1 INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem é algo deslumbrante, quando compreendida no universo de cada sujeito.

A aprendizagem é um processo natural e espontâneo do ser humano. Desde cedo aprende a mamar, a caminhar, a falar, e aos três anos, a criança já consegue formular as primeiras hipóteses. Os primeiros educadores estão no núcleo familiar, onde a família, além de atender aos instintos básicos de fome e segurança, ensina também as primeiras interações com outro, os primeiros modos de exprimir as emoções, dentre tantas outras coisas. Chegando à escola, algumas aprendizagens já estarão constituídas. E, cabe aos professores dar outras contribuições no processo de aprendizagem deste ser em desenvolvimento.

Para Dessen e Polonia (2007, p.22), a família e a escola, ambas, “emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social.” Ocorre a diferenciação quando,

Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo. (DESSEN; POLONIA, 2007, p.22)

A prática pedagógica e a gestão dentro das escolas, de acordo com Faria Filho (2000, p.44), põe em evidência que “a forma e a intensidade das relações entre escolas e famílias variam enormemente, estando relacionadas aos mais diversos fatores (estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, etc.).”

Na atualidade, se observa cada vez mais, a necessidade de se estabelecer um efetivo diálogo entre a escola e a família. Afinal, a escola faz parte também da vida cotidiana da família e vice-versa.

Embora esse diálogo seja necessário, se deve também considerar a formação integral da criança. Não podemos negligenciar este sujeito. Cada um possui as suas

especificidades. E, tomando por base a Pedagogia Ontopsicológica¹, formalizada por Antonio Meneghetti, é promover uma formação, um aprendizado, um desenvolvimento a partir da informação-base ínsita (Em Si ôntico²) em cada sujeito.

Pensando sobre o que foi exposto, somadas às atividades profissionais diárias na área da Educação da autora desta pesquisa e atuando no momento como Conselheira Tutelar; observando, o envolvimento ou não envolvimento dos familiares no processo de aprendizagem das crianças, fez com que surgissem alguns questionamentos: é assunto recorrente abordar sobre a aprendizagem infantil nas escolas, mas de fato como ela se dá? Como a aprendizagem se desenvolve na vida da criança? Há interferência da família no processo de aprendizagem? Logo, a problematização desta pesquisa, visou responder se, as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças podem ter relação com a família?

Tem como objetivo geral, compreender o papel da família no processo de aprendizagem da criança, dentro da abordagem da Pedagogia Ontopsicológica, para contribuir numa formação à autorrealização.

Para auxiliar nesta compreensão, o estudo tem como objetivos específicos:

- a) Estudar o que é a aprendizagem, para crianças que frequentam a Educação Infantil e Ensino Fundamental.
- b) Identificar o que contribui e o que dificulta a aprendizagem das crianças na relação família-escola.

Na escrita teórica do presente trabalho, constam os seguintes capítulos de pesquisa: Aprendizagem; Relação Aprendizagem e Família. No primeiro capítulo, fala-se de Aprendizagem. Relata-se sobre o que é a aprendizagem, trazendo conceitos de autores que falam do assunto, tornando a revisão bibliográfica mais rica de informação e conhecimento sobre o tema.

No segundo capítulo, é tratado sobre a Relação Aprendizagem e Família; neste é comentado sobre a aprendizagem e qual relação desta com a família, para descrever sobre esse assunto são usados autores que falam dessa temática, neste também é

¹ O modelo pedagógico da Ontopsicologia está exposto em MENEGHETTI, A. *Pedagogia Ontopsicológica*. 6. Ed. Recanto Mastro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

² O Em Si ôntico para Meneghetti (2019, p. 14), significa: Em Si ôntico é o critério elementar de natureza que intenciona o projeto humano baseado na constante H ou intencionalidade primeira da natureza relacionada ao homem.

mencionado sobre a Pedagogia Ontopsicológica, a ciência que se torna base de assunto nas respostas trazidas pelas entrevistadas.

A metodologia deste trabalho consiste em uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e investigativo através das entrevistas realizadas com cinco profissionais atuantes na área da Educação com aplicação da Pedagogia Ontopsicológica.

Nos dados obtidos destas entrevistas, foram utilizados autores que discorrem sobre a Ciência Ontopsicológica, como o autor Meneghetti, fundador da Ciência Ontopsicológica.

2 A APRENDIZAGEM

A aprendizagem é o processo de adquirir novos conhecimentos, habilidades, atitudes ou valores a partir de experiências, estudos, observações ou interações. Ela ocorre a todos instantes e momentos em nossa vida sendo perceptível a quem nos ouve e a nós mesmos. A aprendizagem pode ocorrer de forma individual, coletiva, direta ou indireta, formal ou informal, ela também envolve mudanças cognitivas, afetivas, comportamentais e sociais que fazem o indivíduo procurar se adaptar ao novo.

Existem diferentes teorias e abordagens que tentam explicar como a aprendizagem acontece, e quais são os fatores que influenciam o seu sucesso.

Para Beber; Silva; Bonfiglio, (2014, p. 145),

Aprender é diferente de compreender, pois provoca mudanças de comportamento, proporciona reflexão sobre o próprio fazer pedagógico e faz do aprender um prazer. As situações de aprendizagem demandam diversas estratégias para que seja viabilizado o aprender. O ensino aprendizagem é uma organização de procedimentos, com função clara que suscita o sujeito à realização de tarefas.

Neste trecho percebemos que aprender pode provocar mudança na vida de quem aprende. O que antes ela não sabia, quando passa, a saber, quando aprendeu algo novo, ocorreu uma mudança para melhor, naquela pessoa.

Muitas vezes a criança é vista como uma tabula rasa, ou seja, que nasce vazia sem nenhuma informação, e, cabe a aprendizagem preencher este vazio. Por outro lado, também se vê que todo ser humano aprende tudo a partir de seu ambiente (o homem estaria à mercê do meio). (OSTERMANN, FERNANDA, 2011, p.13). Entende-se que, o aprendizado vem das interações e do meio onde aquela pessoa ou criança vive, é a partir do contexto que a criança vive o que ela aprende. Então, podemos pensar ainda que o ambiente que a criança está inserida pode ser positivo ou negativo à sua aprendizagem. Do ponto de vista que é positivo, quando ele acrescenta mais ser, mais vivacidade, mais conhecimento, mais descobertas, mais alegrias, enfim, os exemplos poderiam ser muitos. E, pode ser negativo, quando desta criança se tolhe essa positividade à sua natureza humana.

Não encontramos a aprendizagem somente na comunidade escolar, conforme os autores destacam,

O aprender não se refere apenas ao campo educacional. Ele se insere em diferentes contextos, seja profissional, social, político, dentre outros, necessitando a utilização de técnicas e recursos mentais. O compreender pressupõe a consciência do que envolve a aprendizagem na resolução de um problema. Essa tarefa requer comprometimento, tempo e autoestima, sendo relacionada à motivação. (BEBER; SILVA; BONFIGLIO, 2014, p.145).

É perceptível, a aprendizagem faz parte da vida do ser humano. Estamos a todo o momento à mercê de novas coisas, de descobertas e aprendendo.

A aprendizagem também está ligada à motivação, então, pode-se logo pensar em um ambiente onde as crianças são motivadas. Elas podem apresentar um maior ganho na hora de aprender, mas por outro lado, quando a criança não possui essa motivação, ou essa motivação não é percebida pela criança, essa aprendizagem pode ser prejudicada.

Já os autores, Moreira e Ostermann, (1999, p. 45), relatam que: “Se tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um só princípio, diria o seguinte: o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe”. Partindo desta ideia, podemos compreender que a aprendizagem é a continuação do que já sabemos. Por exemplo, quando já sei sobre algo, posso aprender mais coisas sobre aquilo que já sei, acrescentando saberes em cima do que já sei.

Já nas palavras de Agneta Giusta (1985, p. 26),

O conceito de aprendizagem emergiu das investigações empiristas em Psicologia, ou seja, de investigações levadas a termo com base no pressuposto de que todo conhecimento provém da experiência. Isso significa afirmar o primado absoluto do objeto e considerar o sujeito como uma tábula rasa, uma cera mole, cujas impressões do mundo, formadas pelos órgãos dos sentidos, são associadas umas às outras, dando lugar ao conhecimento. O conhecimento é, portanto, uma cadeia de idéias atomisticamente formada a partir do registro dos fatos e se reduz a uma simples cópia do real.

Partindo da ideia de que a aprendizagem pode surgir da experiência, daquilo que já foi vivenciado pelo ser humano, no seu dia a dia, na prática, enfrentando desafios, desacomodando e acomodando novamente informações, podemos citar a teoria do Interacionismo, que relata:

que o organismo e o meio exercem ação recíproca acarretando mudanças no indivíduo. Logo, o desenvolvimento se dá na interação entre organismo e meio e a aquisição de conhecimento é um processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida. O conhecimento não está pronto ou definido ao nascer, nem é adquirido passivamente graças às pressões do meio. Experiências anteriores servem de base para novas construções que dependem também da relação que o indivíduo estabelece com o ambiente em uma situação determinada (OSTERMAN E CAVALCANTI, 2010).

Já na teoria do Racionalismo, a aprendizagem é vista como uma relação do indivíduo com o ambiente, causando transformações e sendo transformado, como cita Messeder (2020) “O ambiente gera um estímulo que gera a aprendizagem no indivíduo, este uma vez transformado exerce influência sobre esse ambiente e o transforma novamente, o ambiente transformado gera um novo estímulo e assim sucessivamente, em uma via de mão dupla.”

Essa interação do ser humano com o ambiente,

todo ser humano aprende a partir de seu ambiente estando o homem à mercê do meio. Watson rejeitava os processos mentais como objeto de pesquisa, ele não considerava como passível ser objeto de estudo aquilo que não fosse consensualmente observável. Essa teoria baseada em estímulo-resposta indica que o comportamento humano é previsível (OSTERMAN E CAVALCANTI, 2010).

É através da interação com outras pessoas, ambientes diversos, adultos e crianças que o indivíduo desde seu nascimento vai crescendo, se desenvolvendo e criando resoluções, isso tudo vai resultando em aprendizagens, experiências e desenvolvimento, estes acontecimentos são quase imprescindíveis na vida do ser humano.

Para complementar, a teoria sócio-interacionismo de Lev Vygotsky, defende a ideia de contínua interação entre as mutáveis condições sociais e a base biológica do comportamento humano. É destacada, portanto, a importância da figura do professor como modelo e como elemento chave nas interações sociais do estudante. O objetivo geral da educação, na perspectiva vygotskyana, é o desenvolvimento da consciência construída culturalmente. Em resumo, o processo de desenvolvimento é a apropriação ativa do conhecimento disponível na sociedade em que a criança nasceu. É preciso que ela aprenda e integre em sua maneira de pensar o conhecimento da sua cultura. O funcionamento intelectual mais complexo se desenvolve graças a regulações realizadas por outras pessoas que, gradualmente, são substituídas por autorregulações (OSTERMAN E CAVALCANTI, 2010).

Para o autor Gagné (*apud* OSTERMAN E CAVALCANTI, 2010), a aprendizagem pode ser vista mais de modo interno no indivíduo e não tanto externa e relacionada com o ambiente, como cita outros autores. Gagné se preocupa com o processamento mental do indivíduo, o qual,

ele distingue entre eventos externos e internos da aprendizagem, sendo os primeiros os estímulos que atingem o estudante e os produtos que resultam de sua resposta, e os últimos são atividades internas que ocorrem no sistema nervoso central do estudante. Os eventos internos compõem o ato de aprendizagem e a série típica desses eventos pode ser analisada através das

seguintes fases: fase de motivação (expectativa), fase de apreensão (atenção, percepção seletiva), fase de aquisição (entrada de armazenamento), fase de retenção (armazenamento na memória), fase de rememoração (recuperação), fase de generalização (transferência), fase de desempenho (resposta) e fase de retroalimentação (reforço) (OSTERMAN E CAVALCANTI, 2010).

O desenvolvimento e aprendizagem também podem estar interligados e vistos de modo confuso, como cita Neves e Damiani: “Igualmente, desenvolvimento e aprendizagem se confundem e ocorrem simultaneamente. (2006, p. 2)”. Pois um depende do outro para acontecer, quando aprendo, eu logo desenvolvo e assim o indivíduo se torna adulto e dono do seu saber, construído por ele e pelas suas experiências vivenciadas em seu ambiente de vida. Como, também, cita Freire (2000, p.40) “é por isso que não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna, portanto, históricos”. O aprender, se desenvolver, é algo maravilhoso na vida do ser humano, já presenteado por ter nascido um ser racional, capaz de pensar e usar essa habilidade. Ao indivíduo, cabe ainda ter a responsabilidade e a vontade de ser mais, de se tornar mais, como pessoa.

Já na visão Skinneriana, o aprender é sobre modificação de desempenho: um bom ensino depende de organizar efetivamente o estímulo para que o aluno saia em uma situação de aprendizagem diferente daquela em que entrou. Ensinar é um processo de condicionamento, reforçando as respostas que você deseja alcançar. De acordo com Skinner, comportamentos aprendidos são respostas a estímulos externos que são controlados por reforço que ocorre no momento da resposta ou após a resposta: “se a ocorrência de um comportamento operante é seguida pela apresentação de um estímulo (reforçador), a probabilidade de reforçamento é aumentada” (OSTERMAN E CAVALCANTI, 2010, p. 13).

Na teoria de Vygotsky, o que uma criança é capaz de fazer com o auxílio dos adultos chama-se zona de desenvolvimento potencial. Para Vygotsky (1991) a tarefa concreta da escola consiste em fazer todos os esforços para encaminhar a criança e desenvolver o que lhe falta. (GONÇALVES, 2010, p. 4).

Esta Zona de Desenvolvimento Proximal é: “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1984:97). Ao contrário de outras teorias educacionais (por exemplo, Piaget) que acreditam que a educação deve ser adaptada a uma estrutura

mental pré determinada, Vygotsky alcançou em termos de desenvolvimento global da criança no nível de desenvolvimento. Ele propôs que a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) define a distância entre o nível real de desenvolvimento e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela solução do problema sob a supervisão do adulto ou junto com outro parceiro(outras crianças).

A autora Fernandez, pesquisadora e psicopedagoga defende a ideia da aprendizagem como uma apropriação do saber, quando já sabemos de algo, e sabemos dele de fato, a ponto de dominá-lo e para ela isso é aprendizagem como escreve que: “A apropriação do conhecimento implica no domínio do objeto, sua corporização prática em ações ou em imagens que necessariamente resultam em prazer corporal. Somente ao integrar-se ao saber, o conhecimento é aprendido e pode ser utilizado.” (FERNANDEZ, 1990, p 59).

Nesta mesma visão da autora Fernandes, da apropriação do saber, do domínio do que se já sabe, podemos contemplar com o pensamento de Vygotsky que diz: “o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (VYGOTSKY,1991, p.14). Ou seja, quando aprendemos, quando já sabemos algo, por completo, quando já apropriado a nós, conseguimos nos desenvolver conseqüentemente, há bons resultados quando aprendemos e quando de fato aquilo nos apropria.

Após a contribuição desses autores, trazemos também a Pedagogia Ontopsicológica para falar sobre aprendizagem, que esta pedagogia define que a aprendizagem é um termo de origem latina, "Lat. *Adprehendo* me aproprio do íntimo. Disposição a perceber o que é para mim A) Aquisição de modelos operativos. B) Com memória de repetição" (Dicionário de Ontopsicologia, 2001, p. 14). Tais significados da palavra aprendizagem, pode ter alguma relação com as demais teorias aqui citadas ou pode ser complementada, já que aprendizagem é um tema muito complexo e abrangente para ser falado, mas neste trabalho citamos algumas dessas teorias e falaremos mais da Ciência Ontopsicológica.

Por fim, a aprendizagem é um tema relevante para diversas áreas do conhecimento humano, como a educação, a psicologia, a neurociência, a inteligência artificial etc. A compreensão dos seus mecanismos e das suas implicações pode contribuir para o aprimoramento das práticas pedagógicas, para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e emocionais dos indivíduos e para a inovação dos sistemas tecnológicos que apoiam a geração e a disseminação do conhecimento.

2.1 RELAÇÃO APRENDIZAGEM E FAMÍLIA

A família proporciona à criança suas primeiras experiências. Os hábitos higiênicos, valores morais, clima emocional e um conjunto de atitudes, modos de encarar o mundo, todas essas coisas serão aprendidas pelas crianças, as quais darão um direcionamento e orientação para as crianças viverem.

De acordo com o pensamento de Silva, 2011, p. 8: “a família é a primeira agência socializadora – base das primeiras relações, interações e aprendizado”, Quando as crianças começam a se integrar à sociedade na escola como na educação infantil, muitas delas ainda não interagiram com o mundo porque sua única interação foi com a família. A família sendo a primeira sociedade na vida da criança, ela tem o papel de desempenhar suas funções como pais e responsáveis, no aprendizado e educação de seus filhos, preparando-os para o mundo e saber viver em sociedade.

A família seja ela, como for, que estrutura tiver, se para a crianças a família forem os próprios pais biológicos, ou não, se forem os avós, os tios, ou às vezes não seja de sangue, seja uma criança adotiva, não importa, são as famílias responsáveis pelas crianças.

Giddens (2012, p. 242) destaca o conceito de família:

Uma família é um grupo de pessoas ligadas diretamente por conexões de parentesco, cujos membros adultos assumem responsabilidades por cuidar das crianças. Os laços de parentesco são conexões entre os indivíduos estabelecidas, seja pelo casamento ou pelas linhas de descendência que conectam parentes de sangue (mães, pais, filhos etc.).

O sociólogo Emile Dürkheim (1973, p. 34) destaca que

o ponto de partida é a família, o espaço privado das relações de intimidade e afeto, em que geralmente pode-se encontrar alguma compreensão e refúgio, apesar dos conflitos. É o espaço onde se aprende a obedecer a regras de convivência, a lidar com a diferença e a diversidade. Já a sociedade é uma realidade externa e anterior ao indivíduo, pois quando este nasce aquela já está constituída com seus costumes, conhecimentos e outros bens culturais.

Para a criança que está iniciando sua vida educandário na escola, a família para ela é mais essencial ainda, pois ela vem de uma família e é esperado que venha já orientada, ensinada sobre os valores da vida e regras, para que quando essa criança chegar na escola, possa ter uma noção de como acontece a vida no cotidiano e na sociedade, com suas diversas regras e deveres de sobrevivência. Assim como fala

Biesdorf (2011, p. 3), "a família é a principal instituição responsável pela educação informal, através da qual são ensinados os costumes humanos como falar, andar, comer, religião, cultura". Esse é o papel da família. Já "a escola é a instituição responsável pela educação formal, local onde acontece a mediação dos conhecimentos científicos" (BIESDORF, 2011, p. 3).

Então na família a criança aprende os valores, é educada, formada a partir dos costumes e valores daquele família e ambiente onde vive, e a escola vem para ensinar os conhecimentos que são passados na escola, como conteúdos para preparar aquela criança para a vida, a fim de ensinar ela a ler, escrever, resolver cálculos matemáticos e etc, o que não é aprendido em casa, com a família.

Para Fernandes (2014, p. 14), "família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, são marcos de referências existenciais. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do indivíduo ". Ou seja, família e escola devem andar juntas, unidas em prol do desenvolvimento e aprendizado dos alunos, pois um depende do outro para construir uma boa e eficaz educação e construção de conhecimento na vida dos alunos.

As crianças que apresentam uma escrita mais elaborada fazem lição antes de ir brincar, têm ou tiveram livros infantis e dispõem de dicionário em casa. Além da oferta maior de brinquedos, contam com a possibilidade maior de compartilhar atividades com os pais. (MARTURANO, 1999, p.140). E essas ações que fazem as crianças desempenhar melhor seus estudos e atividades escolares, somente os pais, responsáveis ou a família pode propiciar a elas, as encaminhando e fazendo com que elas em casa façam seus deveres como estudantes e curiosos do mundo do conhecimento, os pais que devem instigar essas crianças, estimulá-las a fazerem as coisas tanto em casa, como quando estiverem na escola.

E de acordo com Virtuoso (2009, p.4) "É importante à família ser um suporte para as necessidades das crianças e dos adolescentes, sendo que esse suporte deve acontecer também com o processo de aprendizagem escolar." Somente e unicamente a família, que está por traz da vida daquela criança é responsável por ajudar aquele indivíduo que está iniciando sua vida como ser humano, estudante e cidadão e ela precisa do apoio, ajuda, suporte da sua família para conseguir atingir seus objetivos de vida ainda como criança, como se desenvolver, aprender e crescer para se tornar aquilo que nasceu para ser.

Alguns estudos têm tentado determinar, no sistema vivido pela criança, mecanismos que afetam as relações entre interação pais-filhos e aprendizagem escolar. De acordo com Romanelli, Nogueira e Zago (2008), os estudos sobre a relação entre família e escola não são novidade na educação. “Precisamos de pais que realmente desempenhem o papel de pai e mãe com firmeza. Que estejam prontos a atender os filhos em suas necessidades básicas sem protecionismo, atentos às diferentes fases evolutivas pelas quais seus filhos passam: infância, adolescência [...]” (ROSSINI, 2001, p. 42).

Na visão da Ontopsicologia, “Os pais modelam os filhos mais pelo modo como vivem, agem e reagem do que pelos conselhos que lhes dirigem.” (VIDOR, 2014, p. 9). Sendo que o escopo da educação, na verdade, é dar à criança instrumentos funcionais para existir no social. (CAROTENUTO, 2013, p. 401).

Ainda, na relação com a família, “Para ser ótimos pais, é indispensável que sejam adultos felizes. As flores e os frutos sadios provêm somente de árvores vigorosas para si mesmas” (MENEGHETTI, 2005, p.153). No entanto, a sociedade por meio da família, forma as estruturas irreversíveis da consciência, do modo como a criança, o futuro adulto, pensará, reagirá, formalizará a si mesmo. E, segundo Meneghetti, esta é a tragédia: a sociedade, por meio da família, insere estruturas quase sempre alheias, diversas da radicalidade de natureza e, por consequência, o sujeito cresce distônico” (MENEGHETTI, 2007, p.183).

Para a Ontopsicologia, “As crianças são flores da vida se são belas, se são verdadeiras. (...) A criança é um projeto vital chamado Em Si ôntico, com capacidade de fazer autóctise³ histórico-social: isto é, uma semente que está em condições de desenvolver-se indivíduo maduro no húmus do tempo, do lugar, da sociedade daquele lugar” (MENEGHETTI, 2007, p.206-207).

Em suma de todas estas ideias trazidas destes autores, pode-se perceber, que a família tem um papel fundamental na vida da criança, propiciando os primeiros aprendizados às crianças, construindo a base para ela poder alcançar seus objetivos na vida e fora de casa. Para ocorrer o desenvolvimento e evolução na aprendizagem da vida da criança em seus primeiros anos de vida só ocorre e pode ocorrer da melhor

³ Por autóctise, Meneghetti (2012) compreende dois sentidos: a) “o fato em si (autopor-se); b) o processo de fazer autoconstrução), ou seja, a autóctise histórica como processo psicológico” (MENEGHETTI, 2012, p. 31).

forma, se houver a união da família com a escola possibilita a criança a se desenvolver como um todo, tanto biológico, quanto psicológico e no aprender os conteúdos propostos naquela escola.

2.2 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

A relação professor-aluno é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, pois influencia tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o afetivo dos estudantes. Uma boa relação professor-aluno pode motivar, inspirar e facilitar a construção do conhecimento, enquanto uma relação ruim pode desmotivar, frustrar e dificultar a aprendizagem.

Então o professor, em um primeiro momento, deve aprender quem é a criança, conhecer sua família, sua realidade de vida e começar a descobrir o que ela já sabe e traz consigo de conhecimento para depois instigar mais ainda e desenvolver ela na aprendizagem.

Professor é aquele que ensina o que sabe que vai passar conhecimento ao aluno, na sala de aula o aluno depende daquele professor que está a frente dele para aprender os conteúdos, ainda mais quando os alunos são da primeira infância, onde são muito dependentes ainda dos adultos, não sabem sozinhos pesquisas, por muitas vezes não estarem alfabetizados ainda. Pois segundo o Ministério da educação é “Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo.” (BRASIL, 2018, p. 60)

O professor também é o mediador, segundo a ideia da autora, que diz assim: “Tem sido comum atribuir a Vigotski a ideia de que o professor tem um papel mediador; um elo entre o conhecimento e o aluno”. (TUNES *et al.*, 2005, p.695). Ou seja, o professor precisa mediar os conhecimentos que os alunos já possuem e os quais irão adquirir ao longo das aulas.

E segundo os autores, na: “Teoria de Aprendizagem de Rogers, ele precisa ser uma pessoa verdadeira, autêntica, genuína, despojando-se do tradicional “papel”, “máscara”, ou “fachada” de ser “o professor” e tornar-se uma pessoa real com seus alunos. (Ostermann, Fernanda,2011). Nesta visão, o professor procurar ser mais verdadeiro, ser ele mesmo, pode contribuir para que construa uma relação melhor com o

aluno e mais eficaz, sem aquela imagem do professor ser autoritário ou mais que o aluno, mas sim, ser humano antes de tudo e depois, professor, aquele que ensina.

Desenvolver uma boa relação entre professor e aluno também é um passo fundamental para garantir um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. É importante estabelecer uma relação de cooperação e respeito entre os docentes e os discentes, não de imposição. O estudante deve ser tratado como protagonista na construção do seu conhecimento e estimulado a ter uma participação interativa em sala de aula.

Na aprendizagem, os alunos não aprendem da mesma forma, uns aprendem melhor ouvindo o professor, outros aprendem melhor assistindo, olhando ou experimentando, há ainda aqueles que se destacam fazendo e o professor deve reconhecer e estimular as diferentes inteligências dos alunos, proporcionando atividades diversas e individuais que atendam aos seus interesses e necessidades. Pois também, segundo Gardner, toda pessoa é dotada de várias inteligências e muitas conseguem se destacar em algumas áreas. (ABRANTES, 2011, *online*)

Para Freire, a aprendizagem é um processo de libertação e conscientização que envolve o questionamento das realidades sociais e a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento. Os professores devem ser mediadores no diálogo entre os alunos e o mundo, respeitando seus saberes prévios e estimulando sua autonomia e criticidade. Onde, “a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade” (FREIRE, 1979, p. 15), e

Na visão de Rogers o “Sistema Educativo deverá ter sempre como objetivo o desenvolvimento das pessoas, de uma forma plena e, simultaneamente, que as conduza a sua auto realização” (ROGERS, 1974, p. 380), sendo assim, a aprendizagem é um processo de crescimento pessoal e auto realização, que depende da motivação intrínseca e da confiança dos alunos em suas potencialidades. O professor deve ser um facilitador da aprendizagem, criando um clima de aceitação, empatia e autenticidade na sala de aula, e permitindo que os alunos escolham os seus objetivos e métodos de aprendizagem.

Acrescenta-se a ideia de Giordani (2011), para quem, o professor, em um primeiro momento, deve aprender quem é a criança, como foi constituída, qual é a sua identidade, como esta criança construiu estratégias de adaptação ao contexto em que

viveu e ainda hoje vive, quem é o adulto de maior referência afetiva e, que, portanto, é o depositário da autoridade sobre a estrutura da vida interior dessa criança.

Portanto, nestas concepções dos autores aqui mencionados e refletindo sobre a relação do professor com o aluno no processo de aprendizagem, percebemos a importância que o professor também tem na vida escolar dos alunos, pois o professor passa a ensinar os conteúdos e conhecimentos em que eles não aprendiam em casa, isso torna uma responsabilidade maior para o professor também, pois este aluno dependerá do professor para construir seu aprendizado.

3 MÉTODO

Como definição de seu traçado metodológico, o estudo desenvolveu-se dentro da abordagem qualitativa, e, o problema será esclarecido nesta perspectiva. Para Minayo (1994), a abordagem qualitativa preocupa-se com um nível da realidade que não pode ser quantificado. Este tipo de estudo aprofunda-se no significado das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Do ponto de vista do objetivo, para a presente pesquisa foi utilizada a pesquisa exploratória. Sendo exploratória, Gil (2002, p. 41), diz que “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”.

O principal (e também o único) instrumento de recolha de dados empregado na presente pesquisa foi à entrevista estruturada.

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado fenômeno é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Por meio dela os pesquisadores buscam coletar dados objetivos e subjetivos. Considera-se a entrevista como uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. (BATISTA, MATOS, NASCIMENTO, 2017, p.2).

Os sujeitos de investigação foram oito (8) professoras e profissionais na condição que tivessem conhecimentos teóricos e práticos em Pedagogia Ontopsicológica. Esta escolha se deu por entendermos que este é um dos diferenciais do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Antonio Meneghetti.

Foram convidados oito profissionais, no entanto, tivemos a aceitação e as respostas das entrevistas de cinco (5) profissionais da área da Pedagogia Ontopsicológica.

A estes profissionais foram feitas três perguntas:

1. Para você, o que é aprendizagem, dentro da abordagem da Pedagogia Ontopsicológica?

2. Em relação à família, no seu entender, qual o papel dela na aprendizagem da criança? (pode contribuir e/ou prejudicar?)

3. A dificuldade de aprendizagem de uma criança, segundo a Pedagogia Ontopsicológica, pode ter relação com a família? Como?

As respostas, dos respondentes se encontram na íntegra, no Apêndice A.

As cinco profissionais, todas do sexo feminino, denominadas aqui de respondentes, possuem vários anos de atuação profissional na área de Educação e Pedagogia Ontopsicológica.

Quadro 1: profissionais entrevistadas

Respondente 1	Italiana, e tem 19 anos de atuação como professora em Ontopsicologia.
Respondente 2	Brasileira, e tem 39 anos de atuação na área de Pedagogia e Pedagogia Ontopsicológica.
Respondente 3	Brasileira, e tem 38 anos de atuação na área de Ontopsicologia e Psicoterapia.
Respondente 4	Uruguaia, 45 anos de atuação na Pedagogia, e destes muitos na área de Pedagogia Ontopsicológica.
Respondente 5	Brasileira, 16 anos de atuação na Pedagogia, com Especialização em Ontopsicologia.

Fonte: dados da pesquisa 2023

A etapa dedicada à coleta de dados foi nos meses de junho e julho de 2023. Antes de iniciar a entrevista, apresentamos os objetivos do estudo aos sujeitos e solicitamos seu consentimento para realizar a entrevista, gravá-la, transcrever e divulgar os resultados. Algumas das entrevistas, foram realizadas via áudio, por meio do WhatsApp e depois as respostas foram transcritas na íntegra.

Para proceder à análise de dados, empregamos a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1979), que a define como um conjunto de técnicas de comunicação e que não são rigorosamente definidas nem inflexíveis.

Foi solicitado o Termo de Consentimento junto aos sujeitos participantes do estudo, levando em consideração os aspectos éticos, sobre pesquisas envolvendo seres humanos e a prévia autorização dos responsáveis pela instituição onde será realizada a pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a coleta de dados por meio das entrevistas, elaboramos a descrição das respostas, para então podermos evidenciar as respostas de acordo com os objetivos desta pesquisa. A fim de analisar os dados das entrevistas, estas foram agrupadas em grupos conforme as três perguntas feitas aos entrevistados.

4.1 APRENDIZAGEM PARA A PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

A primeira pergunta foi, **“para você, o que é aprendizagem, dentro da abordagem da Pedagogia Ontopsicológica?”**

De acordo com a **respondente 1:**

Aprendizagem é o processo por meio do qual a pessoa adquire instrumentos que lhe permitem conhecer a si próprio e o mundo de modo autêntico.

Contribuindo com o que a respondente 1 respondeu, a aprendizagem permite: “o desenvolvimento do sujeito sobre o plano da funcionalidade integral a si mesmo no plano da globalidade existencial” (MENEGETTI, 2010, p. 137). Onde o indivíduo se desenvolve a partir daquilo que ele é. Na Pedagogia Ontopsicológica é “a fazer e a saber a si mesmo” (MENEGETTI, 2014, p. 8). Onde o indivíduo irá aprender e desenvolver conforme ele é, se conhecendo cada vez mais.

Respondente 2 -

Na resposta da entrevistada 2, ela utiliza um conceito para responder o que é aprendizagem, que é
 [...] o conceito que eu uso, é o conceito que está no dicionário Ontopsicológico que é: “Me apropriar a partir do íntimo”, me apropriar do íntimo, é a capacidade de perceber, o que é para mim [...] qual a diferença deste conceito dos demais conceitos? significa: “eu sou”, isso já começa um entendimento bastante complexo, porque o Eu, implica toda aquela parte do conhecimento da [Onto]psicologia, do Nascimento do Eu, como é que eu nasci, então, claro que também tem todas as descobertas e tem que levar em consideração, porque se a gente não entende o campo semântico⁴, o monitor de deflexão e o Em Si ôntico, a gente não tá falando de Ontopsicologia.

⁴ “O campo semântico é conhecimento sensório-visceral e é uma informação que se estrutura no corpo como medianicidade de intensão real” (MENEGETTI, 2001, p. 26)

Esse conceito que a respondente traz, a Pedagogia Ontopsicológica define que a aprendizagem é um termo de origem latina, "*Lat. Adprehendo* me apropriado do íntimo. Disposição a perceber o que é para mim a) Aquisição de modelos operativos. b) Com memória de repetição" (Dicionário de Ontopsicologia, 2001, p. 14). Seguindo na ideia do professor, aprendizagem é me apropriar do meu íntimo, daquilo que já tenho, daquilo que já sou e ter a disposição de apropriar cada vez mais aquilo que é para mim, aquilo que está em meu íntimo, que só eu sei, que é só meu e só eu posso me apropriar, é único a mim.

Este "Eu Sou"⁵ surge lá no que chamamos "*O nascimento do Eu é contínuo e aberto: cada ação acertada faz "mais eu"*". (MENEGETTI, 2003, p.93), este Eu, "*O Eu nasce do processo de conscientização do próprio corpo, nasce processualmente no possuir do próprio corpo.*" (MENEGETTI, 2022, p.279). O Eu, somos nós, somente nós sem a interferência do outro, sem estereótipos, e o Eu se reforça a cada vez que fazemos aquilo que é para nós fazer, aquilo que nos faz parte.

Também, "O nascimento do Eu abre amplos ensinamentos também no plano aplicativo. *Cada ação faz o sujeito e o hipotasia*, isto é, formaliza a mente, portanto, a capacidade de abrir ou excluir-se dos interiores do poder ser." (MENEGETTI, 2003, p.100). Tudo é aprendido, a cada conquistar de ação acertada que eu faço, eu aprendo mais do meu Eu, e do que é para mim, isso reforça o Eu em mim, se formaliza e deixa mais claro quem sou Eu.

A entrevistada segue dizendo que:

[...] *quando a gente fala de aprendizagem, por exemplo, "me apropriado a partir do íntimo", quando eu me apropriado a partir do íntimo, eu me apropriado a partir daquilo que eu sou, do meu Em Si ôntico, e depois tem: "disposição do que é aprender para mim", [...]*

Trouxemos aqui o conceito de Em Si ôntico, que o professor Meneghetti explica, "*O primeiro real, em todos os sentidos, é o Em Si ôntico da pessoa. Eu primeiro existo, depois, quando começo a dizer "Eu", faço uma verbalização dessa unidade de ação e, quando quero compreendê-la, percebo que ela possui uma autonomia, no qual eu também surjo.* (2022, p.164). A respondente também cita que:

Para Piaget, aprendizagem é construção de conhecimento. É isso também, mas o que é aprendizagem? É fazer essa proteção do mundo a partir desse "a partir daquilo que ele é", daquela forma que a vida colocou ali, então, "me apropriado a partir do íntimo,

⁵ O significado para Meneghetti (2012, p. 104) do "Eu Sou: a consciência ôntica" (grifo do autor).

disposição a perceber do que é para mim” e essa disposição significa que tem o “Eu” e o “Eu Lógico Histórico”. [...] para poder entender: “disposição de perceber o que é para mim”, então “disposição”, implica a vontade do indivíduo que tem que colocar a sua vontade, o seu esforço, a sua intencionalidade, “disposição para perceber o que é para mim”, o que é o Em Si ôntico, o que a vida deu para cada um.

“O Em Si ôntico presencia-se assim: ”Eu sou e quero ser aquilo que sou”.” (MENEGHETTI, P.76,2003) e “*O Eu histórico é o resultado da intencionalidade do Em Si ôntico, que consiste no levar o indivíduo á auto-realização.*” (MENEGHETTI, 2003, p.78).

O Em Si ôntico é aquilo que sou e aquilo que quero ser, ele é disposição de ser aquilo que quer ser em cada indivíduo e o Eu histórico é aquilo quando já se fez ação, quando já agimos, quando já se tornou resultado para nós. A criança sabe o que precisa aprender quando segue seu Em si ôntico, pois ele fala o que quer e quando essa criança aprende aquilo que é para ela, isso se torna história, fazendo parte do seu Eu histórico.

Respondente 3:

Nesta resposta, a entrevistada 3 diz que:

[...] A aprendizagem só se dá na relação com o outro, com o social [...].

Com esta resposta, podemos falar sobre sociedade que “O escopo da pedagogia é realizar um adulto capaz de ser verdadeiro para si mesmo e funcional para a sociedade.” (MENEGHETTI, 2019, p.211).

Então, o objetivo da pedagogia é fazer um adulto que consiga ser verdadeiro para ele mesmo e para a sociedade, que ele venha ser ele mesmo, sabendo de si, consegue ajudar o outro. A respondente segue em suas palavras que aprendizagem,

Dá a possibilidade do indivíduo, inicialmente, a se descobrir na relação com o outro. O outro serve de confronto. Serve, na verdade na descoberta da própria identidade e das próprias potencialidades, elas nascem na relação com o outro. [...] ela é decorrente do fato de existir. Alguma coisa a gente vai aprender sempre. Aprender a falar, aprender a caminhar, a ver que tem o outro. [...]

Em relação a esta fala da entrevistada, pode-se citar que: “A sociedade é dura e implacável. Deus perdoa, mas a sociedade não esquece. Quando uma criança confia em nós, devemos sempre saber que ela estará dentro de uma sociedade complexa. Mais que a vida é a sociedade o grande problema para resolver. Por isso, ajudemos com amor a

criança a saber ser autônoma economicamente, autônoma psicologicamente e socialmente funcional.” (MENEGETTI, 2019, p.211). É nosso papel como adultos possibilitar às crianças uma aprendizagem, a fim de preparar ela para a sociedade, para o mundo, para que ela se torne alguém autônomo de resolver seus próprios problemas.

Segue o relato da entrevista, dizendo:

Uma criança já nasce com, não posso dizer que é uma vontade, mas ela tem um instinto de ser. De fazer a diferença. Ela já se coloca como diferente na relação com o outro e se posiciona. Se a gente observar as crianças que não foram distorcidas pela relação social, elas sempre querem contribuir de algum modo. Elas querem mostrar que elas também podem fazer. Elas querem colaborar. Então na relação com o outro ela vai aprendendo a como fazer, o que fazer. [...]

É saudável para a criança aprender viver em sociedade, pois é necessário esse saber, ela nem sempre estará na presença dos pais e da família, por isso precisava ser preparada para viver sem ela também, preparar uma criança para enfrentar seus futuros problemas e fazer ela forte para enfrentar dificuldades no futuro e sozinha, é um ato de amor de quem proporciona isso à ela.

A respondente 3, também cita que,

se nós quisermos falar da aprendizagem na escola, que já é um estereótipo do social, e que também é um estereótipo funcional, porque a criança sozinha não aprenderia. [...] Assim como ela aprende lá na família a falar, aprende a dizer sim, a dizer não. Aprende os modos afetivos, aprende as dificuldades que os adultos tem, e ela muitas vezes se identifica com as dificuldades com os adultos. Então quando ela chega na escola, ela já chega com um certo filtro que ela adquiriu na família.

Este “filtro” que a criança adquiriu na família é trazido por Meneghetti que diz: “O Eu sofre a vetorialidade, a constrição segundo o tipo de organização mental que já preexiste naquela determinada família onde a criança cresce.” (2003, p.15). Então, podemos compreender, segundo a fala da entrevistada e segundo o que é dito por esse autor, que a criança quando chega na escola, ela já possui uma herança contida nela que é da família, seus costumes, hábitos, modo de ser, de se expressar, de relacionar, tudo nela é conforme como sua família a ensinou, ou como foi a ela posto. A criança não vê como ela deveria muitas vezes, mas ela vê e enfrenta as situações conforme sua família impôs para ela de como deveria ver e agir. Assim como a entrevistada traz em seu relato, explicando:

Porque o próprio aprendizado da linguagem, é uma imposição, ela precisa aprender a traduzir em símbolos o que ela teve como vivência organísmica. [...] Então quando ela chega na escola, ela vai ter que aprender um estereótipo. [...]

Então ela já é filtrada, quando ela aprende. Ela já recebe filtrada a informação. dificilmente vai manter a sua originalidade de percepção. Então o aprendizado de fato, ele é adquirir estereótipos, seja lá na família, como na escola, na sociedade ou na comunidade, ela adquire estereótipos. Que sempre podem ser úteis e funcionais. As vezes coincidem com a realidade da vida, as vezes não. Mas a criança já tem um instinto, uma capacidade de se relacionar com a vida, com o ambiente, independente dos estereótipos que ela aprende.

A criança, então, não segue mais sua percepção natural, a qual seria como ela é, como ela deveria enxergar as coisas, mas sim enxerga e entende as coisas segundo estereótipos impostos pela família e sociedade, mas esse enfrentar outros estereótipos, diferentes opiniões, pensamentos e hábitos, é dito como importante segundo a autora que escreve o seguinte: “Também é importante à criança e o jovem aprender a se confrontar com a multiplicidade das experiências para além do ambiente familiar.” (GIORDANI, 2015, p.232).

A respondente, conclui:

Então aprendizado, é sempre um aprendizado de estereótipos. Mas podem ser estereótipos úteis e funcionais para fortalecer a identidade da criança, depois do jovem, do adulto. Ou podem ser aprendizado de estereótipos que vão ocasionar um distanciamento da sua identidade. Mas sempre é aprendizado. Então, aprendizado é fazer uma introjeção de estereótipos, seja funcionais ou não funcionais. Um estereótipo é um modulo de construção que o Eu invariavelmente usa, não obstante a novidade dos estímulos históricos.

Sempre será para a criança uma experiência, um aprender, uma novidade, um novo desafio, uma nova relação, um problema que precisa ser resolvido, mas nisso tudo há ganho, a criança cresce, aprende a lidar com esses estereótipos, adquire conhecimentos sobre eles e se torna um adulto mais preparado e forte para enfrentar outros maiores problemas, vivemos em um meio cheio de estereótipos, é impossível fugir deles, o autor Meneghetti, fala também sobre estereótipos que ele trata assim: “O coração de muitas tradições, de muitas ideologias, de todas as racionalidades sistêmicas e familísticas, é um estereótipo dominante que depois constela outros estereótipos”. (MENEGETTI, 2022, p.286)

Segue, agora as respostas da,

Respondente 4:

A criança aprende fazendo. A criança gosta de fazer, trabalhar, investigar. É curiosa. Nós devemos facilitar essa possibilidade, sempre. Sempre, nunca negar no que ela queira colaborar, no que ela quer fazer. Dessa maneira ela aprende. Essa é a aprendizagem. É através da ação. Se aciona e se aprende. Se interioriza, se apropria do conhecimento, descobre as maneiras, os modos de, descobre claro os perigos, podemos adverti-la. Mas nunca negar-lhe, ou [podemos] dizer-lhe, explicar-lhe, quando há um perigo iminente.

Porém, nunca assustar para que não faça, para que não aja.

[...]

A entrevista traz em sua resposta que a criança aprende fazendo, ela explica que é através da ação, que ocorre o aprendizado e evolução deste e o mais lindo é que: “A criança se desenvolve, aprende o seu corpo como primeiro eterno mundo de si mesma, entra no grande "tabuleiro" das múltiplas relações. O pequeno já é sadio e completo no seu Em Si, mas não conhece este tipo de encarnação: é cientista, mas não sabe que o é. Com toda sua inteligência elabora a si mesmo ao êxito do jogo.” (MENEGETTI, 2022, p.457). Depois, a entrevistada segue dizendo que:

A criança é grande. E quando diz, eu sou grande! está certo. Ela é grande. Nós adultos rimos, achamos graça. Mas na realidade, quando nos colocamos a pensar e analisar, é real. Ela já é grande, e ela quer aprender a fazer o que fazem os grandes. Claro, ela quer entrar no mundo dos adultos, e quer crescer, e crescer rapidamente. Devemos facilitar-lhes, sempre. Nas pequenas tarefas, e nunca substituí-la. Nunca, jamais. Ela aprende através da ação. Essa é a vantagem da Pedagogia Ontopsicológica.

Seguindo a ideia de ação e que através dela, ocorre a aprendizagem podemos também perceber, que, sim a criança é ativa, pula, corre, brinca, sonha, imagina, fantasia as coisas, tudo para ela é possível e bonito, ela admira os adultos porque eles fazem “mais”, e elas tem pressa de se tornarem eles, e nessa fase de crescimento e aprendizado, devemos auxiliar, orientar e ensinar a criança, fazendo-a serem autônomas, livres para realizar suas tarefas e ajuda-las no que for preciso para que elas possam se realizar com aquilo que já possam fazer, mesmo ainda crianças. Que por significado, essa “ajuda” oferecida a criança, nada mais é que o que o autor Meneghetti trás que: Pedagogia' é a arte de como coadjuvar ou desenvolver uma criança à realização. (2022, p.455)

A entrevistada trás outro ponto importante, também:

[...] *Mas nós temos um conhecimento a mais, que é o Em Si ôntico. Devemos favorecer o desenvolvimento, que descubra, e que se descubra. Descubra tudo o que pode fazer. Quão poderoso é tudo o que pode aprender. E confiar em si mesmo. Esse é o grande ponto. Fazer o que sente, ajudá-lo, acompanhá-lo, a que aprenda a perceber-se, a*

sentir-se. A que se questione, ao o que for fazer. E bom, temos que também ajudar nisso. Que ela estabeleça seu próprio juízo, a ver sobre que caminho seguir. E bom o que sente? Precisa aprender a ouvir as palavras e sentir. Sentir é muito importante. Desde pequeno. Na escola, se podem lhe ensinar, ele vai se preparando para isso. Incluindo exercícios de percepção, por exemplo, canções musicais.

Ouvir e seguir seu Em Si ontico, é forma mais adequada e verdadeira para a criança, pois será para ela, não será algo impostado por outro, a criança saberá e agirá conforme ela deve agir, conforme seu Em Si quer que ela aja, “a única alternativa absoluta para a criança é o próprio Em Si.” (MENEGETTI, 2022, p.458). “É preciso propor à criança um constante relativismo. Deve-se dar a ela a volição de que já é inteira e sadia e, contemporaneamente, deve-se facilitar uma certa adaptação da história ao seu Em Si, não vice-versa”. (MENEGETTI, 2022, p.459). Ensinar a criança a se conhecer, a se descobrir, a confiar em si mesmo, ensinar a criança a perceber as coisas como elas são e não como são impostas, instigar as crianças a ouvir e sentir, a se perceber e poder entender que dentro delas há um Em Si ontico que diz quem elas são de fato.

Por fim, aqui, constam as contribuições da última entrevistada, a **Respondente**

5:

Levando em conta os conceitos que tem dentro da Pedagogia Ontopsicológica [...], a aprendizagem, ela se dá quando a criança encontra um significado dentro dela mesma com aquilo que ela está tendo contato e normalmente ele vem junto com uma expressão, um som específico, quando a criança tá ali dialogando contigo e ela faz: “agora eu entendi”, para mim aprendizagem, considerando a pedagogia é quando faz sentido, é quando aquilo que tu tá conversando com a criança, aquilo que ela tá pesquisando quando ela tá inserida no contexto que a gente pode dizer na sala de aula, na sociedade, onde for e ela se dá conta de que dentro dela fez sentido para ela, no íntima dela fez sentido aquilo, que ela está tendo contato. [...]

Para a entrevistada, a aprendizagem acontece quando um assunto é passado para a criança e ela acha aquilo interessante e percebe que faz sentido a ela, então decorrente dessa ação, a criança aprende, pois fez sentido a ela, ela compreendeu, tocou nela, e isso Meneghetti também explica que: “O espírito me quer onde Eu sou, o ser me quer onde Eu existo”. (2019, p.19). Então no Em Si ontico da criança, ele sabe o que faz sentido a ela, o que acrescentará para ela, também, “Fala-se dos direitos civis, dos direitos das crianças, do feto, mas o primeiro direito é poder ser a si mesmos, poder existir como se é” (MENEGETTI, 2014, p. 229). A criança precisa ser ela mesma, só assim poderá compreender quem ela é, se construir e se tornar um adulto realizado.

Por fim, a respondente conclui que:

Essa é a aprendizagem que eu entendo, que eu comecei a compreender, a partir do conhecimento da Pedagogia Ontopsicológica que é uma aprendizagem que parte de dentro da criança, é um tornar-se aquilo que você está conhecendo, é uma aprendizagem que dá em cada ser de modo particular, que vai entrar em contato com desconhecido, vai estudar, vai interagir com ele até o ponto que aquilo se torne algo para ela. Também isso é uma aprendizagem, não é quando você vai decorar alguma coisa, é quando faz sentido para ti, é quando aquilo se torna você, quando ela enxerga nas coisas do dia a dia aquilo que está sendo explicado.

De acordo com a resposta da entrevistada, é perceptível que a aprendizagem nem sempre vai ser a mesma para todos alunos dentro de uma sala, por exemplo, cada um irá aprender de modo diferente e aprenderá algo diferente dos demais, cada um possui suas necessidades particulares, seus gostos, hábitos, necessidades de saber e querer ser, então eles aprenderão segundo o “fazer sentido” a eles, segundo seus interesses. E isso não é errado, pois, “Toda forma de ensinamento, de pedagogia, deveria consentir a autóctise histórica à encarnação do espírito, por meio da qual cada criança acontece neste mundo, sem jamais alterar a necessidade do seu inteiro, que é já sumo e irrepetível.” (MENEGHETTI, 2019, p.19)

4.2 A FAMÍLIA E O PAPEL DELA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

A segunda pergunta foi, “**Em relação à família, no seu entender, qual o papel dela na aprendizagem da criança? (pode contribuir e/ou prejudicar?)**”

De acordo com as respondentes:

Respondente 1: *Geralmente, a família (em sentido amplo: os pais, um orfanato, um kibutz etc.) é o primeiro ambiente onde a criança começa a aprender a vida. O ambiente familiar pode contribuir com o aprendizado dela, na medida em que os adultos de referência sejam pessoas realizadas de forma integral (saúde psicofísica, profissão, relações afetivas e sociais, prazeres estéticos etc.).*

Caso os adultos sejam pessoas que não consigam prover à satisfação harmoniosa dos próprios instintos, podem acabar compensando na criança as suas frustrações, prejudicando, então, o processo de aprendizado dela.

Então, percebemos que já no início da fala da entrevistada, ela coloca que a família contribui sim, com a aprendizagem da criança, que a criança vai aprender tudo primeiro em casa, através da família e na medida que a família, pais, os adultos forem realizados, felizes, poderão contribuir de forma positiva para as crianças, mas se os adultos não estão realizados, podem acabar compensando nas crianças essa frustração e a criança passa a ter seu aprendizado prejudicado. Isto é citado também pelo autor que diz assim: “O filho deve derivar de uma abundância e não de uma forma de compensação da frustração da vida dos pais. Apenas uma vida realizada pode gerar uma nova vida com possibilidade de poder ser o que é” (MENEGETTI, 2014). Os adultos precisam estar saudáveis, para terem filhos saudáveis também em todos os sentidos. E a entrevistada segue explicando um pouco mais:

Alguém que não conheça a si mesmo e não consiga se relacionar com a vida com vantagem individual – e, por consequência, com ganho também coletivo – como pode auxiliar uma criança na delicada estrada do (auto)conhecimento? Somente podemos auxiliar, educar, acompanhar a criança naquilo que, de fato, já aprendemos com vantagem integral para a nossa vida.

Nesta fala, a respondente traz que os adultos precisam se conhecer, sempre procurar se autoconhecer e se realizar na vida, pois uma pessoa que não se conhece, não consegue ajudar o próximo, nem tão pouco uma criança, é dever dos pais ou daquele que cria e educa a criança, estar de fato pronto para essa missão, pois trata-se de orientar e preparar alguém que no amanhã será adulto e precisa estar pronto também para enfrentar seus próprios problemas. “É necessário que o adulto proponha á criança *a educação como regra de vantagem*, como instrumento válido de autóctise histórica, ou seja, como possibilidade de autopôr-se e de metabolizar progressivamente o jogo histórico do devir pessoa, aqui e agora.” (MENEGETTI, 2019, p.21)

A respondente 2 responde assim:

[...]

Então, em cada situação, tem uma coisa diferente, “é a família”, todas as teorias falam que é a família, mas o que na família? Aonde na família? Porque na família? Entende? Então, quando eu fiz a dissertação de Mestrado em 1992 na UFRGS, eu estudei crianças com problemas de aprendizagem [...] o problema de aprendizagem que as crianças dormem com os pais, então isso é um problema por quê? Porque a criança deve ter seu espaço físico e ao mesmo tempo psíquico, dormir com o pai e a mãe é um problema de vez em quando, mas todas noites com pai e a mãe, o casal precisa ter a sua individualidade, a sua vida de casal precisa se realizar como um casal, [...].

Esta fala da entrevistada pode-se fazer menção a seguinte fala do autor que explica que: "Somente os filhos que crescem em um sadio egoísmo de casal serão pessoas auto-realizadas, porque a primeira educação que receberam foi aquela da alegria e como procurar por ela" (MENEGETTI, 2019, p. 143), nisto vimos que o casal precisa estar bem, precisam ser bons exemplos, bem consigo mesmos e bem como casal, só assim os filhos também poderão estar bem e serem realizados. Então,

este hábito dos filhos dormir com os pais, sempre dá problema, pode dar problema de aprendizagem, pode dar problema de saúde e outros pode dar problema de comportamento e outros dá problema social, enfim, em cada um vai estourar, digamos assim em áreas diferentes, mas o problema vai acontecer, algum problema vai dar.

A respondente cita que sempre dá problema o mau hábito do casal, o não fazer correto dos pais, Meneghetti também fala sobre a responsabilidade dos adultos em propor à criança aquilo que ela precisa para se tornar um adulto forte que sabe se defender diante das dificuldades, a família não deve ir “contra o social, mas deve facilitar dentro da família todos os mecanismos que a criança adota para se garantir positivamente contra invasões naturais dos adultos, dos irmãos, dos coetâneos” (MENEGETTI, 2014, p.50). Os adultos não devem superproteger seus filhos, mas prepara-los para o mundo.

A entrevistada cita também sobre qual seria a origem dos problemas de aprendizagem:

De onde que vem o problema de aprendizagem? Vem do problema do ser humano não fazer evolução de natureza, de onde vem o problema de comportamento? [...] o que é o problema de aprendizagem? A gente está falando de uma criança que troca a letra, que não consegue ler, nem interpretar um texto, [...] existe problemas emocionais e tudo é tratado como um problema ideológico, por exemplo, a dificuldade de se concentrar, a criança não presta atenção, a questão é que, a atenção, ela é formada, ou seja, assim como o sentimento, a gente aprende a gostar de estudar, a gente aprende a não gostar de estudar, então, a atenção ela também é aprendida, só que os professores não entendem isso, nem mesmo os professores de Educação Especial, eles acham que essa atenção é alguma coisa ideológica, que nasceu assim e que vai ser sempre assim e que vai morrer assim, então se tem déficit de atenção, significa que só remédio vai resolver, mas não é verdade, então aonde é que é o problema do déficit de atenção? Aonde que vem o problema? Vem de vários lugares.

A entrevistada questiona, sobre a origem, cita exemplos e responde que a origem pode vir de vários lugares, mas é importante ressaltar dois pontos que estão presente nesta resposta, o “aprender” que tudo é aprendido, até as dificuldades que apresentam hoje nas crianças, são dificuldades, pois aprenderam aquela dificuldade, como por exemplo, ela cita do não prestar atenção, se ninguém ensina a criança a prestar atenção, como ela irá prestar atenção? Ela não irá prestar atenção, pois aprendeu a não prestar atenção. Outro ponto é generalização citada pela respondente, não devemos generalizar as dificuldades de aprendizagem, nem nas suas origens, pois se existe alguma dificuldade de aprendizagem, ela precisa ser investigada de onde surge essa dificuldade e depois tratar conforme sua origem e não tratar com os mesmos métodos que todos fazem como medicar as crianças. A entrevistada conta também que:

Outro fator que é quase generalizado, que são: as telas, telas do celular, as crianças estão virando zumbis por conta dos jogos e quem está deixando essas crianças como os zumbis é a mãe, a mãe que compra o celular, a mãe que deixa essas crianças jogarem no celular por horas, porque se a mãe não deixasse, ele nem ficaria jogando, porque ele é apenas uma criança.

A mãe é responsável pelo seu filho e até no que ela compra, oferece á ele, a consequência de mexer por muitas horas no celular, é um exemplo de que ela ofereceu algo ao seu filho, mas não assisti seu filho a ponto de perceber se tais coisas que ele faz, pode prejudicar ele ou não. Ou o fato de deixar os filhos no celular é mais cômodo para algumas mães e muitas vezes elas não se preocupam com as consequências que podem ocorrer.

Tem outra coisa também que interfere muito no problema da aprendizagem, que é o casal quando se encontra que é um fator determinante. Depois tem o sexo e depois tem toda a questão no campo semântico, porque, o que essa mãe informa? O que esse ambiente informa constantemente a esta criança? Então essa informação de campo semântico, ela é poderosíssima, mas ninguém leva em consideração.

O conceito de campo semântico, conforme Meneghetti é que: “O campo semântico é qualquer mediação de informação: *é um transdutor de informação*” (2022, p.199). Ou seja, o campo semântico informa, leva informação e a entrevistada traz esse conceito, pois o casal desde a relação sexual, de onde nasceu aquela criança, o campo semântico já informava á aquela criança de como estava os pais, o ambiente e etc. A respondente continua:

[...] *Qual é a informação de campo semântico que esse adulto está colocando dentro dessa criança? E essa informação que vai estruturar que vai gerar aquele modelo operativo, mas não só a informação do campo semântico tem também a informação do campo etérico⁶, que é o campo da energia vital do corpo [...]*

Essas informações que a criança recebe desde sua concepção, são estruturantes para aquela criança, pois “Quando a informação transmitida chega sobre a unidade de ação receptora, a energia do receptor muda, formaliza-se em consequência de informação sofrida.” (MENEGHETTI, 2022, p.199). Quando recebemos uma informação, por exemplo, sempre ocorre uma mudança em nós, por exemplo, estamos calmos e daqui um minuto recebemos uma ligação que um familiar nosso veio a falecer, essa informação recebida, nos causa mudança em nosso humor, em nossos sentimentos, pensamentos, atitudes, irá mudar nossa rotina nas próximas horas, pois sofremos o luto, ou se for alguém muito amado por nos, poderemos sofrer por mais tempo, ou seja qualquer informação, seja ela boa ou ruim, mudará em nos e as vezes sendo até determinante para nós, e isso ocorre nas crianças desde sua concepção, o campo semântico é muito importante e os adultos em torno daquela criança, precisam estar atentos a isso. Assim, como explica a entrevistada que:

Tudo é questão de cuidado, porque se a pessoa cuida o próprio corpo, a própria casa, a própria saúde, isso interfere no campo etérico dela e daí quando essa pessoa começa a se descuidar disso, tudo isso interfere no campo etérico dela e quando você está perto dessa pessoa, você também se sente mal, então tem o campo semântico e também tem o campo etérico.

Neste trecho da resposta, a respondente cita que existe o campo semântico e também o campo etérico, são dois campos diferentes, mas os dois informam e os dois são causadores de informações boas ou ruins que influenciam na vida da criança que estiver junto ao adulto. A seguir a entrevistada, cita outro assunto, a díade:

Também podemos adicionar o conceito da díade⁷ que o professor Antonio Meneghetti fala, [...] qual é a díade que evita problema de aprendizagem? [...] O que é díade? É a relação a dois, onde movente não pode viver sem o coincidente do heteromovente, então naturalmente é díade nessa relação mãe e filho deveria chegar no tempo onde

⁶ Sobre o campo etérico, ver MENEGHETTI, A. *Ontopsicologia e Attività Psichica*. Roma: Psicologia Editrice, 1996. p. 61-70, MENEGHETTI, A. *Biodinamica del campo eterico*. In. *La Psicomatica nell'otica ontopsicologica*. 2. ed. Roma: Psicologica Editrice, 1999.

⁷ Díade: movimento a dois, em que um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. Pode ser negativa ou positiva. Cf. MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*, op. cit. p. 73

cada um, a mãe não tivesse mais essa simbiose com o filho. A mãe é uma vida e a criança é outra vida, e cada um vai fazer a sua história, a sua trajetória, [...]

Esse conceito de díade é explicado pelo professor Meneghetti, que: A díade do "grego: 8vo dois significa movimento a dois onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. É uma unidade de ação que parte de dois centros, um dos quais não pode viver sem a sem a coexistência do outro polo. O mais forte formaliza e polariza o mais débil de modo tal que o mais débil aprende o estilo de vida do mais forte" (2005, p. 58-59).

Qual é o estilo de díade que é o melhor? É quando o ser humano faz a sua relação e se relaciona de forma inteligente e com ganho para mim e com ganho para outra pessoa.

Ou seja, é essa díade que deve haver entre a criança e o adulto, uma díade saudável, que fará com que a criança possa aprender e se desenvolver de maneira correta, para que se torne preparada para o futuro.

Porque, hoje qual é o maior problema? O maior problema é o da superproteção, a hiper proteção que a mãe faz pelo filho, que faz tudo pelo filho e a gente vê isso que hoje isso também reforça muito.

Essa superproteção que os adultos fazem nas crianças, é errado, pois em vez de preparar a criança para o mundo, para resolver seus problemas, para vencer na vida, elas protegem e deixam eles frágeis em frente aos desafios que ocorrem durante a vida, assim também como cita a autora, que: “Para não perverter o projeto de ordem natural da criança, o adulto deve evitar a superproteção de modo assistencialista.” (SPANHOL, 2015, p.24). Seguindo nessa ideia de fazer pela criança, a respondente acrescenta que:

As professoras também dão tudo a elas, [...] por exemplo se a criança pede para nós, o que que é isso? a gente diz é uma caneta, se a gente está pensando na pedagogia ontopsicológica, querendo trabalhar, a gente devolve a pergunta, e o que que tu pensa que é? o que que tu percebeu que é? isso aqui ah, eu vi que você estava escrevendo, isso e o que mais? a criança não é burra, ela só está perguntando para ti, porque ela só quer saber a tua opinião, mas não que ela não saiba, a criança é muito inteligente e a gente não trata ela como ser capaz ou ser inteligente a gente substitui ela, [...]

Não devemos errar como pais, como mãe, mas também não devemos errar como professoras, aliás não devemos errar com as crianças, independe da nossa relação com ela, a criança ela sabe tudo, não porque ela é pequena, que não irá saber das coisas, ou que não consiga aprender, devemos respeitar seu tempo também, mas a criança sempre

deve ser instigada a saber mais, a ter mais curiosidade, a se desenvolver mais, a ser mais e não a substituir, a subestimar e torna-la um ser incapaz de fazer muitas coisas que poderia fazer na fase em que ela se encontra. “A criança é uma força incandescente se é preservada em si mesma: a natureza a constituiu vencedora é preciso esperá-la, compreendê-la e jamais substituí-la, jamais protegê-la de si mesma” (MENEGETTI, 2014, p. 224)

Então se o adulto age com a criança como se ela fosse burra, ela vai se fazer de burra, porque não tem vantagem para criança ser inteligente. Se tiver vantagem, se o ambiente der vantagem para ela ser deficiente ela vai se fazer de deficiente. Se o ambiente mostrar vantagem para ela ser eficiente, ela vai ser eficiente, ela vai fazer esse comportamento, só que nas escolas os professores não agem desse jeito, Por quê? Porque eles agem da mesma forma com os filhos em casa, que eles educaram os filhos assim. Então veja o quanto é importante estudar a pedagogia ontopsicológica, procurar conhecer único [...]

É preciso mostrar que existe vantagem no aprender e que ela se torna mais, quando adquirir conhecimento. “A educação não deve ser proposta como diktat, mas como vantagem, a fim de que a criança seja vencedora neste jogo, no sincronismo améptico das múltiplas individualizações.” (MENEGETTI, 2019, p.20). Agora voltamos a falar dos pais que:

E ao tratar com os pais esse problema de aprendizagem dos filhos não devemos levar em consideração a culpa, pois a culpa é do monitor de deflexão⁸, porque a culpa de quando se faz algo errado não tem como mudar, mas deve-se mudar a realidade dela, agora é preciso trabalhar a responsabilidade e não a culpa. E qual a diferença entre a responsabilidade e a culpa, a responsabilidade você entende, por que você fez aquilo, você entende o porquê fez aquilo e você escolhe não fazer mais, isso é a responsabilidade.⁹ [...] por isso no conceito de aprendizagem que a gente estava vendo, tem “me apropriado” e tem o “eu”, que é a instância da decisão, do livre arbítrio do indivíduo, da estrutura da personalidade do ser humano, o “eu” é o livre arbítrio e a instância do eu é o que decide se quer ou não quero, eu faço ou não faço. Essa escolha pode ser feita pela criança desde muito cedo, desde o ventre da mãe.

Os pais podem até achar que erram com os filhos, quando os filhos respondem ao contrário do esperado dos pais, mas não é preciso, os pais se culparem pelos erros,

⁸ Por Meneghetti (2022, p.146) O monitor de deflexão é um módulo acoplado diretamente à memória, atinge a consciência do Eu sempre através da memória; é um elaborador e sincronizador de imagens. Os sonhos induzidos pelo monitor de deflexão são aqueles mais claros e precisos, têm quase evidência matemática, porque devem convencer o Eu a reportar-se segundo o ditado. O monitor de deflexão usa imagens

⁹ Sobre o conceito de "responsabilidade" na ótica Ontopsicológica, consultar MENEGETTI, A. Pedagogia Ontopsicológica, op. cit.

mas sim reconhecer e mudar, fazendo isso também é um aprendizado para os filhos, pois todos erram, mas devemos nos corrigir quando erramos, nos tornando responsáveis, pois a: “Responsabilidade” é a situação psicológica na qual o sujeito é forçado a responder existencialmente, juridicamente ou moralmente. (MENEGETTI, 2022, p .462).

Papel da família na aprendizagem da criança na verdade é o papel de adulto mãe, a família ela contribui, mas quem determina é o adulto mãe, o adulto mãe é determinante, que seria o adulto de referência que não necessariamente é a mãe, pode ser uma avó, pode ser uma tia, pode ser uma babá, um padre, enfim onde a criança for criada hoje em dia pode ser muito relativo, quem cria a criança nem sempre é a mãe.

Este papel de “adulto-mãe” citado pela entrevistada, é explicado também por Meneghetti que fala: “Dizendo “mãe” entendo, sobretudo, o adulto que assume o papel-mãe ou que se faz situação de maior gratificação e que a criança prefere como referência simbiótica.” (MENEGETTI, 2019, p.119). Este adulto-mãe é o adulto de maior referência á criança, é o adulto que passa mais tempo com a criança e se torna exemplo para ela, ou o adulto que ela escolheu para ser sua referência de vida.

Já, a **Respondente 3**, diz que:

Milagrosamente tem certas crianças que sobrevivem a certas famílias, e vão bem na escola em determinado período, e depois se não trai a si mesmo, ela consegue se resolver bem na vida. O Professor Meneghetti, contava um pouco sobre a sua vida, e que tem em alguns livros também. Ele foi um menino que nasceu durante a Guerra, nasceu em 1936. E, não necessariamente numa família feliz, bem estruturada. A mãe vivia doente, o pai no front, então ele vivia um pouco com a avó, um pouco com a família, com a mãe, com os irmãos, ou junto com outras famílias... e tinha um grupo de crianças que viviam no meio da Guerra, na rua. Ele fazia parte deste grupo. Teoricamente era uma família desestruturada, era uma situação desestruturada, era uma Guerra. Mas ele mencionava que deste grupo de meninos de rua, nenhum deles fracassou na vida. Todos foram exitosos, felizes, realizaram o próprio percurso, realizaram a própria sanidade, realizaram a própria economia e "venceram na vida".

E, isso coloca um questionamento, afinal a família, família estruturada? Estamos falando da aprendizagem nas escolas. Considerando que a família é a célula da sociedade. Portanto, é a partir da família que se constrói a sociedade. É a partir da família que se constrói as escolas, as igrejas, as comunidades... Teoricamente é a célula da sociedade.

Este relato nos faz pensar, e repensar na resposta da entrevistada 2, que diz que a criança também de livre arbítrio de escolher o que quer, e escolhe desde muito cedo, então nem sempre o erro está somente na família. Por mais que: “É no contexto familiar

que a criança se prepara para garantir o amanhã. Nesse sentido, os pais devem ensinar a defesa funcional para enfrentar o pluralismo social na vida adulta.” (SPANHOL, 2015, p. 21). Continua a respondente 3,

Então, se é na família que se tem o fundamento para todos os efeitos sociais, a dificuldade de aprendizagem também se aprende na família. As coisas que podem nos garantir bem-estar e aquelas que causam, que nos causam, que nós causamos, problemas para nós mesmos. Tudo tem origem na família.

A família é um núcleo onde se reúnem adultos, teoricamente deveriam ser. Mas não existe uma escola para formar pai e mãe. A única escola que o pai e a mãe têm, é a própria família de origem.

Se nós formos olhar a história das famílias, de geração em geração, os problemas são geralmente similares, daquela geração, nesta e desta...

De uma família muito pobre, pode nascer um bilionário. Mas não garante que ele vai ser uma pessoa, que ele vai ser feliz. Ele vai ter muitas coisas. Até para compensar uma dificuldade inicial naquela mãe, daquele pai, mas não se garante que ele realizou o projeto dele. Pode ter realizado o projeto da situação daquela mãe. Que sendo muito pobre, informou o filho para ter muitas coisas, para compensar uma falta que ela teve. Não garante que este é o projeto de natureza do filho ou da filha.

Então, se é da família, onde se origina tudo, nossa aprendizagem, nossa não aprendizagem, os valores, costumes, cultura, tudo decorre da família, pois a criança quando é pequena ela não é sozinha, ela depende de alguém, e se alguém é o espelho e exemplo para ela e exemplo dela, pois ela é conforme essa pessoa é, como uma cópia, podemos dizer assim, mas isso é errado, a criança mesmo dependendo de adultos para viver, ela precisa se autoconhecer e buscar saber de si mesma e construir a sua trajetória de acordo com seu projeto de vida. “É preciso educar o ser humano a perceber e agir conforme o projeto único da grande vida, que é um Em Si Ôntico. Portanto, o fazer pedagogia deve incluir essa dimensão. Dentro de cada ser humano existe uma mensagem, um código uma informação que lhe consente uma unidade de ser, uma unidade de projeto e, que, em suas aprendizagens deve individuar o que dá identidade e evolução ao seu projeto e o que ao invés, não é favorável.” (GIORDANI, 2015, p. 230)

Então cada família pode contribuir com estereótipos úteis e funcionais nos seus descendentes, mas também pode contribuir com estereótipos que vão impedir seus descendentes de realizar os seus projetos de natureza. [...] (RESPONDENTE 3)

O problema dos estereótipos também é citado pelo autor que retrata assim: “O problema que se observa neles é uma adequação sistemática a uma memética contra a sua natureza, isto é, desenvolvem programas, estereótipos antitéticos à própria origem a sua fisiologia, a sua biologia” (MENEGHETTI, 2014, p. 223). Não de todo modo, os

estereótipos são ruins, assim como a respondente traz em sua fala, as vezes os estereótipos podem ser funcionais e uteis para vivermos em sociedade, mas muitas das vezes estereótipos estão ligados á memes da sociedade que não são funcionais e ainda são contra nosso projeto de natureza, nisso deve ser prestado atenção e educar a criança para se atentar nesse ponto também.

Dependendo do tipo de, a gente sabe que tem, estudando a Ciência Ontopsicológica, a gente sabe que lá na infância tem as primeiras distorções, ou seja, quando a criança é falsa consigo mesma para manter aquele afeto familístico, aquela relação ao adulto mãe, ela desenvolve um estereótipo, onde ela faz um teatro para ela mesma, e não acessa o seu real potencial. Tá sempre no teatro de salvar um possível afeto, que ela não quer perder lá na infância, que para ela era importante, etc, etc. E a partir deste primeiro desvio que ela faz, do seu próprio instinto, ela vai desenvolver depois estereótipos específicos na relação com a sociedade. Ela pode desenvolver, quando tem a possibilidade de fazer um processo de autorrealização, de assumir, de aprender mais sobre a vida, sobre refazer um processo de autorrealização, ela pode fugir no vício, pode fugir na psicossomática, pode fugir na depressão, pode fugir tendo comportamentos antissociais, e assim por diante. Ou seja, ela executa aquela frustração que ela aprendeu do adulto mãe nas diversas áreas fugindo, negando, impedindo, o seu processo de autorrealização. Cometendo erros contra a própria identidade. (RESPONDENTE 3)

Este exemplo que a respondente trouxe, explica um pouco como um estereotipo usado pelo adulto-mãe pode influenciar e ensinar o filho a seguir o mesmo estereótipo, a criança desde pequena pode fugir do seu projeto, as vezes inconscientemente, as vezes por medo de perder o afeto da mãe, como a entrevistada 3 cita, mas isso no fim, traz consequências e acaba sendo mais um adulto não realizado, assim como a mãe também não é. Mas se for ao contrário,

Se é uma mãe ambiciosa, que compreendeu algumas coisas e faz o processo de autorrealização medianamente, ela pode favorecer a autonomia dos filhos, para que eles façam o caminho deles, que façam o processo de autorrealização. Mas se é uma mãe frustrada, que não fez o processo de autorrealização, fez autossabotagem, que errou contra a própria identidade, possivelmente ela vai promover o fracasso dos seus filhos, por identificação deles com ela. Então, tanto a família pode contribuir como pode dificultar, impedir. (RESPONDENTE 3)

São dois exemplos trazidos na fala da entrevistada 3, de dois tipos de vida que cada mãe teve, mas como solução deste problema, devemos retomar ao que nossa Pedagogia Ontopsicológica ensina que: “A pedagogia, pautada nessa compreensão de homem, deve desenvolvê-lo de modo a atingir o mais cedo possível a sua autonomia de

existir, a fim de se tornar um indivíduo funcional a si mesmo em todas as dimensões de sua vida.” (GIORDANI, 2015, p. 231).

E hoje as famílias são bombardeadas, digamos assim, por esse mundo da Internet, por esse mundo das redes sociais, por esse mundo da globalização virtual. A globalização sempre existiu, mesmo antes do descobrimento da América, já se fazia viagens intercontinentais. Temos Marco Polo, entre outros. Então a globalização sempre existiu, os povos sempre se comunicaram entre eles. Depois no mundo da ciência, o Oriente e o Ocidente, viajavam, se conheciam desde a Grécia Antiga, depois Roma. [...] Hoje, acontece uma globalização mecânica, com esta informação contínua da máquina. Dos jovens dentro do celular, das famílias dentro do celular. Que com essas informações a família quase perdeu a sua força. Tanto de formar o bem como o mal. Hoje a família é perpassada por esse universo que na maioria não se pode dizer que é sadio, porque todos colocam ali a sua estrutura complexual. Todos colocam ali a sua patologia. A criança tem acesso a patologia da família e a patologia dos outros universos. Embora, cada um seleciona aquilo que condiz com o seu estereótipo, com o seu complexo. Então busca, seleciona, por meio do uso do celular, aquilo que reforça a sua estrutura complexual. (RESPONDENTE 3)

O que a entrevistada 3, nos traz na resposta dela é que além dos estereótipos, das patologias encontradas nas famílias, agora as crianças com a globalização passam a encontrar outras patologias, se perde o humanismo, e se passa aos processos mecânicos, se perde o humano.

Mas no geral, a gente cria crianças e jovens que não tem mais um sentido de existir. Que perde o sentido de existir. Porque não se conhecem. Se conhecem pelo espelho negro. Então a patologia da família sempre ficou no social, e hoje de modo muito piorado com as redes sociais. Qualquer assassino hoje entra na sua casa, por meio do celular. E assim, temos que ter adultos mais sensatos, mais capazes, de organizar esse contato. [...] Então hoje, tem essa dificuldade ainda que a família enfrenta. Essa dificuldade, a da patologização por meio das redes sociais.

Assim, a família pode sim contribuir, se tiver adultos que consigam fazer mais seu processo de autonomia, de sanidade, contribui para a aprendizagem da criança com estereótipos evolutivos, que ajudam na evolução. Se forem famílias, que tem adultos doentes, que não realizaram seu projeto, que fazem autossabotagem contínua, que também não encontraram o sentido de existir, eles vão informar a criança no aprendizado, num mundo que vai levá-los a falência. Falência existencial, não necessariamente a falência econômica, mas não vão encontrar o sentido de existir.

Por isso a importância das descobertas da Ciência Ontopsicológica. Fundamentalmente o Em Si ôntico. No processo de educação, se o professor ou os pais se conhecem, e fazem conexão com o próprio Em Si ôntico, fazem seu processo de realização conforme o Em Si ôntico, também vai ajudar a criança a fazer isso. Porque a Pedagogia Ontopsicológica, é a arte de coadjuvar a criança à realização, mas também por meio das informações do seu Em Si ôntico. Todos têm um. (RESPONDENTE 3).

Finalizando as considerações da respondente 3. A família, por si só, já possui dificuldades. E isso ocorre, porque na maioria das vezes, são adultos que não conhecem e não realizaram o seu projeto de vida. Acarretando, em estereótipos de fuga, compensações das suas frustrações, etc. que perpassa aos seus filhos e gerações. Além dessa dificuldade, têm-se o intenso uso das redes sociais. Cada vez mais crianças e adultos, se tornam viciadas nestas mídias.

A saída, é ensinar às crianças que elas possuem um Em Si ôntico, que é só delas e de mais ninguém. E, elas, também são responsáveis por elas mesmas, por sua felicidade e realização no mundo.

Continuando a análise das entrevistas, a **Respondente 4**, assim define,

A família é tudo para a criança. A família pode ser um ser uma pessoa. A família é o lugar onde a criança sente segurança, estabelece essa díade, que pode estabelecer com a mãe, que pode ser a mãe biológica ou não. Em geral é a mãe biológica, porém, pode ser qualquer ser da família ou não.

Esse adulto é tudo para ela. E então ela faz qualquer coisa para agradar esse adulto. E assim, é muito delicado. E é muito importante que esse adulto, seja um adulto são, um adulto realizado. E aí o papel da família, que é o adulto-mãe, com quem estabelece essa díade, é fundamental, essa pessoa, suponhamos que seja a mãe biológica, essa pessoa, não é uma pessoa feliz, está insatisfeita, está frustrada, em algum aspecto da sua personalidade da sua pessoa. Por mais que tenha tudo, de repente não é feliz. Quiçá talvez tenha tido outras expectativas em sua vida e não as alcançou, e essa criança pode ser uma moléstia ou algo que a impeça de realizar-se, e descarrega contra essa criança uma certa rebeldia/raiva, uma certa frustração, insatisfação.

Uma mulher insatisfeita afetivamente, emocionalmente, sexualmente, ou seja, essa mulher que decide ser mãe, deve ser como a fruta numa torta, deve ser o corolário, a coroa de ouro, de uma trajetória de uma vida, de um esforço, de um transcorrer da sua vida, que alcançou autonomia econômica, alcançou uma certa posição social, e vai vir com o seu par ou está sozinha, mas decide ser mãe. Porque sabe, sente em seu mais íntimo, que ter um filho vai lhe completar. Então está perfeito, esse filho é querido, é desejado. Não por obrigação, porque a sociedade exige, ou porque já chegou determinada idade e precisa ser mãe. É uma decisão pessoal da mulher, muito pessoal. E, se decide não ter filhos, está tudo bem. É decisão dela. Portanto, a família, a mãe, o adulto-mãe, o adulto que é referência afetiva e emocional desta criança, tem que ser um ser realizado, feliz, um ser satisfeito. Pode contribuir ou prejudicar totalmente. Pode fazer as duas coisas. A contribuição pode prejudicar.

A respondente 4, assim como as outras que citaram a família, os adultos e das responsabilidades destes serem autorrealizados e poder assim passar algo bom, positivo e vital aos filhos, a entrevistada 4, também explica como se pode chegar a essa realização e como ter um filho da forma correta, que é quando a mãe já é realizada consigo mesmo

e então resolve ter um filho, planeja ter aquele filho e ele será fruto então de uma mãe feliz e completa e seu filho terá mais chance de poder se realizar também, pois sua referência mais forte, sua mãe já é uma pessoa realizada e feliz.

A última entrevistada, sobre a pergunta: se a família pode contribuir ou prejudicar na aprendizagem da criança, a **Respondente 5**, assim responde,

Pode contribuir e prejudicar. Porque se você entende que aprendizagem é algo íntimo e particular que faz sentido para cada ser, a família muitas vezes vai, que mesmo que de forma não consciente, sempre querendo o melhor, então, para criança ou para o indivíduo que faz parte daquela família, ela vai de certa forma dizer como tem que ser, o que é importante saber, ou como é importante saber. Daí você começa a dar uns parâmetros e alguns discernimentos e acaba não respeitando o íntimo daquela pessoa, daquela criança. Então, na minha família, as pessoas têm que trabalhar num determinado serviço, fazer determinados estudos, porque a mãe, o pai e a mãe são assim e a família pode prejudicar no sentido de não deixar a criança ou qualquer ser dentro daquela família buscar por si próprio, essa aprendizagem acaba percorrendo caminhos que a família já disse que são certos, ou os melhores, não que isso seja feito com uma má intenção.

Às vezes se faz pensando no melhor, mas às vezes não se respeite essa intimidade de cada ser, no conhecer as coisas, no aprender as coisas e daí tu acabas impondo um modo de como se relacionar com o novo que não é daquele ser humano, que não é daquela criança, o pai como a mãe, a família pode prejudicar sim, como pode contribuir no sentido de estar sempre que possível instigando esta criança a entender quem ela é, conhecer as suas relações e os seus sentimentos com as quais ela impacta, para ela entender o que faz sentido e o que não faz sentido para ela, como ela vai ao longo do tempo descobrir como ela aprende, e de que modo ela aprende, de que modo ela pode fazer a sua aprendizagem, quais são as formas que ela tem, de como impactar com as coisas e conseguir tirar dela o que faz sentido para ela.

Uma família pode ser determinante no sentido de determinar como essa criança vai se relacionar com o novo, mas essa família também pode ser uma instigadora de abrir o espaço e a mente desta criança no sentido de que ela seja sempre muito aberta a contatar o novo e fazer essa relação sempre a partir dela e não a partir do modo como a mãe ou pai dizem que tem que ser. Eu acho que pode contribuir se respeitar o íntimo dessa criança e pode prejudicar no sentido de muitas vezes querer proteger demais ou dizer como as coisas devem ser feitas.

Diante da resposta da entrevistada 5, observamos que ela explica que uma família pode até tentar ensinar as coisas de “modo correto”, querendo que seu filho seja inteligente, aprenda as coisas, seja um vencedor, mas as vezes a família impõe demais sobre seus filhos e acaba não respeitando o Eu dessa criança, conforme a respondente cita. Cada um tem o seu projeto de vida, e a criança por menor que seja, ela também nasce com o seu projeto próprio e único, e somente ela poderá realizar. E, isto também deve ser levado em conta pelos pais, professores, etc.

4.3 A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA EM RELAÇÃO A FAMÍLIA

A terceira pergunta consistiu em questionar, **A dificuldade de aprendizagem de uma criança, segundo a Pedagogia Ontopsicológica, pode ter relação com a família? Como?**

Iniciamos pela **Respondente 1**,

Caso os adultos sejam pessoas que não consigam prover à satisfação harmoniosa dos próprios instintos, podem acabar compensando na criança as suas frustrações, prejudicando, então, o processo de aprendizado dela.

Nesta resposta, trazida pela entrevistada, ela conclui que sim, a dificuldade de aprendizagem tem relação com a família, se a família é frustrada.

Para a **respondente 2**,

Então, se aprendizagem é a disposição de perceber o que é para mim e se a pessoa não tem essa disposição para perceber o que é para si, daí tem que se perguntar o porquê ela não tem essa disposição, e ela vai assimilar uma outra coisa, aí já estamos no campo do problema [...]

Nós seres humanos aprendemos tudo, inclusive aprendemos a não aprender, tudo que somos e sabemos é derivado de nossa aprendizagem, porque assimilamos modelos operativos que não são funcionais a nós, o problema de aprendizagem já acontece antes, por exemplo, no livro da Pedagogia Ontopsicológica fala que o problema ocorre muito antes, lá no relacionamento do casal.

A entrevistada 2, faz menção que a dificuldade de aprendizagem pode ter origem bem antes na vida da criança, pode até ser antes dela nascer. E ela segue explicando:

[...] podemos dizer que 90% deste problema temos na sociedade, mergulhado nesse mar, porque as pessoas não nascem com um desejo de se autoconhecer e de descobrir quem elas são, então já é o primeiro ponto. O segundo ponto, o professor Meneghetti fala que é fundamental, é o ato sexual na hora da relação do casal, como está essa mãe? Como está esse pai? Principalmente, como está a mãe? Como está o campo etérico dela? Ela está alegre? O porquê está fazendo aquela relação? Então naquele momento, naquela hora ali já acontece o erro, por conta dessa intencionalidade psíquica, porque é muito forte, é determinante a intencionalidade psíquica.

A entrevistada 3, conclui sua resposta e explica, que a família tem sim relação com a dificuldade da criança, e que decorre da família a dificuldade na criança.

O que eu tenho observado na minha prática clínica, as mães vêm reclamando das dificuldades dos filhos, mas as mães tem que fazer psicoterapia, porque as crianças são dependentes daquela mãe, daquela avó que tem algum vínculo na família, mas sempre é a família, pode ser uma babá, uma empregada, mas sempre está no âmbito familiar.

A criança é dependente afetiva, quando eu notei as dificuldades de aprendizagem, as questões afetivas também são importantes no processo de aprendizagem, na unidade de ação, as questões afetivas pode ser desde da criança fazer um contato, de se interessar, de ter a curiosidade, de querer saber ou se ficar frio distante tudo, são questões afetivas. Uma criança que tem dificuldade afetiva, ela vai ter dificuldade de fazer contato com outro, com as crianças, com professor e outras coisas, com as plantas com que ela tá aprendendo, se ela tem dificuldade de fazer contato, é uma dificuldade afetiva, se ela não consegue se controlar, é uma dificuldade afetiva, se ela é muito sensível, também é uma dificuldade afetiva, todas as questões devem ser avaliadas um por um.

Mas da onde vem essa aprendizagem psicoafetiva? A gente aprendeu essa aprendizagem psicoafetiva, porque cada criança nasce com treinamento próprio, o temperamento é inato, ela pode ter um temperamento mais doce, sensível, agressivo, é um temperamento, faz parte como ela nasceu, ela nasceu assim, ou ela tem uma prepotência ou ela tem uma delicadeza, ou ela tem uma doçura, depois a família impõe o modelo que não necessariamente coincide com o temperamento da criança, quando ela tem dificuldade de aprendizagem. Então existe uma distonia de como ela é e como a família impôs o modelo que ela fosse, uma criança pode ser dócil e a família impõe que ela seja agressiva, que ela faça as coisas ou ela tem um temperamento mais forte, mais agressivo, mais impositivo e a família fala que: “Ah, isso é feio, isso é coisa de pessoa mal educada”, então a criança vai aprendendo duas mensagens, uma daquilo que ela é, que é o temperamento dela e outra que a família impõe, então acontece esse rompimento de como ela percebe o mundo, o modo de se relacionar com as pessoas.

Esta interferência da família, essa imposição colocada na criança, de como ela deve ser, pode prejudicar a criança e seu aprendizado, pois a criança deixa de ser ela mesma e age conforme os adultos querem para agradá-los, para se sentir bem, etc. “O meio familiar porta sempre, no seu núcleo, uma patologia psico-moral-afetiva, que imprime na criança a sua maneira de estar e funcionar no mundo.” (SPANHOL, p. 21, 2015)

Outra coisa é dependendo da sanidade dos pais, porque hoje é bem difícil encontrar pais sadios. Até porque eles também vieram de outros estereótipos, outras dificuldades, então quando os pais têm dificuldade ou individualmente, uma mãe tem dificuldade psicológicas que não se resolveu, que não se realizou ou o pai ou entre eles daí os dois se encontram para sofrer, casam para sofrer e um reforça o problema do outro e os filhos acontecem, que passam para ser joguetes entre os pais, da mãe que

luta contra o pai ou da mãe que luta contra avó para dizer que ela é melhor mãe do que a mãe, daí a mãe diz uma coisa, a vó diz outra, o pai fala uma coisa a mãe diz outra e a criança não sabe mais como se conduzir, então quando a criança chega na escola ou ela chega com uma ansiedade exacerbada ou com sofrimento dentro e ela não consegue se posicionar frente ao aprendizado, como: “Ai que bom que tem uma novidade para eu aprender”, ela tá sofrendo já ou então a família é super protege, que tudo faz para ela, a criança nem se mexe: “Ah você quer água? então da água” ou do não aprender a falar que não precisa pedir, pois todo mundo alcança para elas as coisas e ela não precisa pedir, aí dentro da sala de aula os coleguinhas não são bonzinhos, as crianças se dizem as coisas: “ Ah o teu nariz é torto, Olha só tu tá fedendo” as crianças dizem, aí a criança tem que administrar aquilo ali, a melhor escola para uma criança são as outras crianças, você tem que se virar.

Também hoje em dia nesses grupos de WhatsApp, as mães sempre estão interferindo a professora, não consegue fazer nada, se as crianças se batem, as mães já estão em cima, mas é preciso deixar a criança aprender a se defender, faz parte, é a sociedade, é a primeira sociedade ali para criança. Sim, então a família contribui para ela não aprender, dificulta a criança, porque a criança acaba sendo um poço de descarga das patologias do adulto e na escola ninguém vai dar o que não tem, vai dar o que trouxe de casa.

Diante da resposta da entrevistada, percebemos que o exemplo de crianças trazidos ali, não são de crianças que foram preparadas para enfrentar o outro, o social ou seus próprios problemas consigo mesmo, superar suas frustrações, “os pais devem ensinar a defesa funcional para enfrentar o pluralismo social na vida adulta.” (SPANHOL, p.21, 2015)

E hoje para ser professor é bem difícil, pois existem vários desafios, mas também é um belo exercício para se resolver dentro da sociedade, para poder desenvolver esse papel de professor, que aprende uma série de coisas, como a diplomacia e ajudar as crianças apesar da loucura do social. (RESPONDENTE 3)

Aqui a respondente 3, cita também o desafio do professor, que precisa saber como lidar com essas dificuldades todas, com todos esses empecilhos, com as fortes intervenções dos pais. Saber resolver cada conflito, e poder fazer um belo trabalho.

A seguir, a **Respondente 4** trás exemplos de vivência da escola, onde atua:

Em minha classe tenho 30 alunos. Tenho 30 mães!

À parte de ter 30 Em Si ônticos dos meus alunos, tenho 30 mães atrás de cada um deles. Obviamente conheço as mães, porque no início do ano tenho uma entrevista séria. Entrevista séria e profunda. Então eu conheço a esta pessoa, a mãe [...]. Pode vir a representação da díade, como a avó,

E faço um estudo, uma análise, e vejo, sinto essas pessoas, os gestos, o que me dizem, detalhes, detalhes que me dão informações riquíssimas do entorno, do contexto

de onde vive essa criança. Portanto, já vou conhecendo essa família. Já sei como se movem, que carência pode ter essa criança, como é tratada, ou como não é tratada.

E depois, no decorrer do ano, transcorre o tempo, já sei como é a família, e já sei que se a criança não dorme bem a noite, é porque em sua casa há um caos, uma desordem total, e chega e dorme na escola, chega sem as meias, chega sem vestimentas para o frio em pleno inverno. Então já sei que é assim, e que ela vai ter que enfrentar sozinha a sua vida. Vai ter que resolver o seu problema. Eu não posso fazer nada sobre ela. Não posso fazer nada em relação a realidade que toca a sua vida em sua casa. Mas sim, posso fazer muito por ela nestas quatro horas que está comigo. Eu posso lhe dar força, posso empoderar-la. [...]. Porém, nunca, jamais, ser cúmplice dessa situação. Ao contrário, se não termina [a tarefa], termina mais tarde, ou termina amanhã. Mas não abandonar o que ela teria que fazer, pelas circunstâncias.

[...] Aquela criança que tem algum déficit intelectual, também vou fazer para descobrir tudo o que posso. Por quê? Porque a criança vem da família, com um conceito de si mesmo, que o aprendeu.

Escute os comentários da mãe: Ah esse fulaninho... Não tem nada a ver com o primogênito. Com o primogênito nunca tive problemas... Então aí já está o problema! o mano primogênito é o exemplo da família, e ele é o problema, o que causa dor à mãe. Outro exemplo, é: ah gosta tanto de matemática, e eu desde criança também gostava de matemática. Ele é igual a mim!

Não, não é igual a ela. Ela aprendeu que este é um modelo, um modelo aprendido pela mãe. E, parecer-se com a mãe é um orgulho. Obviamente é a sua ídola. Então ter o mesmo problema que a mãe ao ir para a escola, para ela não é um problema. Para a criança está bem, ela se crê igual à mãe. E, não. Ela é um ser completamente diferente. Distinto. Com um Em Si ôntico próprio, pessoal e com características próprias. Então eu tenho que fazer essa criança descobrir que não é o que ela crê. Essa ideia que tem de si mesma. Não. Ela é outra coisa. E quando ela consegue resolver, consegue triunfar, consegue o êxito com uma tarefa, há uma festa. Ela se dá conta. Há um aplauso. E muda o estímulo, muda o autoconceito, a auto percepção. Se antes, acreditava que não podia, agora sabe que pode.

As aulas em classe são a contraparte da família. Tenho que ser o espelho que mostre como ele realmente é. [...]. Essa tarefa de formação ou de ajudar a desenvolver o projeto de natureza de cada criança e em todos os dias, e a cada instante, isso é maravilhoso.

A criança passando por essas desavenças na sua família, estando em um meio vulnerável, onde não deveria ser assim, precisa “aprender seguir sozinha na sua vida”, como a entrevistada relata. “A criança nessa fase precisa aprender a tomar posse de si mesma, aprender sobre si, se testar, se experimentar, se desenvolver”. (GIORDANI, 2015, P.36). A criança pode crescer em famílias desestruturadas, mas elas podem ser grandes, apesar de tudo que pode a impedir disto!

As dificuldades de aprendizagem, em geral, em crianças normais, está na insegurança, na baixa autoestima, na substituição que fazem em casa, por exemplo, não podes, não faça, não, não, não... Tudo é não. Então essa criança não vai saber fazer nada. Não pode resolver problemas. Esse é o ponto! A criança precisa saber

resolver situações problemáticas. Não matemáticas, não problemáticas de matemática. Mas sim, problemáticas da vida diária, cotidiana, simples, de minuto a minuto. (RESPONDENTE 4).

Ou seja, a criança precisa, “A criança tem necessidade das suas dificuldades naturais, de modo especial o particularmente inteligente, porque – através das dificuldades deve reagir – ele aprende como superar o estímulo, portanto aprende a organizar a resposta ao perigo, à exigência, ao problema. Deste modo, a cada oportunidade, exercita-se em superioridade” (MENEGETTI, 2005b, p. 316). Somente aprenderá, aquele que passará por experiências, precisamos viver, nos arriscar, nos desafiar, pensar em como vamos resolver nossos problemas á todos os instantes, e superando um problema menor, conseguimos seguir adiante e enfrentar outros problemas maiores, e assim se tornar grandes para si e para a vida em consequência.

A **Respondente 5**, comenta corrobora com a respondente anterior,

Se a família estabelece uma relação com esta criança, onde ela não tem espaço de busca, ela não tem espaço de construção, porque sempre tem um adulto que vai dar as coisas prontas, que vai sempre de modo imediato explicar as coisas como é, de modo como é, essa criança acaba não desenvolvendo a curiosidade, a vontade de saber como as coisas são, de descobrir a busca pela descoberta e entender como as coisas funcionam, porque elas são colocadas de modo pronto, desde muito cedo, ela se depara com as coisas prontas, como por exemplo: ela precisa de alguma coisa, essa coisa aparece, ela quer ver como é, essa coisa já está pronta.

Então ela acaba desenvolvendo também, o que a gente vem falar depois de dificuldade de aprendizagem, pelo fato de não ter passado por este processo, por não ter passado no ambiente familiar essa busca pela descoberta ou pelo fato de fazer as suas coisas. De não dar conta de pequenas tarefas diárias. Então a família se coloca nessa situação de superproteger, de providenciar tudo que a criança precisa, de modo imediato pode acabar repercutindo na questão da aprendizagem, porque ela não vai se propor a uma busca, ela não vai se propor e colocar em contato com o novo ou entender porque ela não passou por esse processo.

Esta entrevistada também relata que, se a criança não for colocada para se experimentar, para buscar suas respostas, para aprender, ser curiosa, querer fazer as coisas, instiga-la nessas coisas, ela não irá conseguir ir adiante. A família, que faz tudo pela criança, terá uma criança, um jovem e depois um adulto com dificuldades. Pois lhe foram tirados os momentos em que ela precisava se desafiar e procurar soluções.

Em casa também e às vezes também o próprio ambiente familiar é um ambiente familiar que envolve algumas patologias, algumas doenças podem também interferir

nessa criança de modo psicológico, físico, pode também acarretar dificuldades e aprendizagem. Às vezes a criança está com dificuldade de aprendizagem, muitas vezes você vai investigar a fundo, é uma dificuldade que o pai e a mãe têm de se relacionar dentro de casa ou às vezes é outra patologia que a criança possa apresentar em função desse ambiente familiar, e acaba trazendo essa dificuldade de aprendizagem. (RESPONDENTE 5)

Essas patologias que existem nas famílias, são comentadas pela autora Giordani que diz assim: “Toda e qualquer patologia é aprendida nas primeiras e primitivas relações afetivas pela criança no contexto da dinâmica familiar.” (GIORDANI, p. 229, 2015). Ou seja, essas patologias se originam na família e as crianças aprendem sobre elas na família, tudo decorre da família, mais uma vez chama-se a atenção para a família.

O termo dificuldade de aprendizagem, está associado a uma dificuldade de relação que a criança tem, ou com os adultos, ou a relação desses adultos, ou a relação dela com o novo, que seria essa aprendizagem. Então respondendo a tua pergunta, a dificuldade de aprendizagem de uma criança pode ser e pode ter relação com a família sim, eu vejo e entendo que 99% dos casos sim é relacionado com o modo que a criança é criada desde muito cedo, o modo como ela vem sendo educada. Claro, a gente tem também a nossas dificuldades de aprendizagem, associadas a uma síndrome, a uma patologia, que se forem investigar a fundo, também tem relação com a família. Enfim, o termo dificuldade de aprendizagem por si só, ele na maioria das vezes está associado ao padrão de relação que existe dentro do ambiente familiar. (RESPONDENTE 5)

A entrevistada 5 cita que as dificuldades de aprendizagens das crianças, tem relação sim com a família. E as dificuldades dizem muito sobre, que tipo de relação existem nas famílias e como é a relação das crianças com aqueles adultos. A respondente 5 continua dizendo que:

As dificuldades de aprendizagem, então a partir da Pedagogia Ontopsicológica, essas dificuldades são dificuldades associadas ao autoconhecimento.

Eu percebo aqui na escola, mesmo que seja pequeno, mas eu percebo nas crianças, que desde muito cedo, elas vem sendo encaixotadas e elas conseguem desempenhar o papel ao qual elas são treinadas, fazem isso muito bem, então elas não apresentam uma dificuldade de aprendizagem, elas fazem a representação, elas não se perdem do fato de não ser quem elas são, como as coisas funcionam, porque, por exemplo: “alguém me ocupou desde muito cedo”, elas deixaram alguém ocupá-las, de fato fazem aquilo que elas foram treinadas para fazer, tu olha, tu acha que é uma criança empoderada, mas falta alguma coisa se você observar com mais sensibilidade, você percebe que falta alguma coisa e às vezes eu chego ter a impressão de que houve uma total incubação do adulto aí, então a criança, parece que se perdeu e ela representa totalmente o que o pai e a mãe quer que ela faça.

Então, segundo a pedagogia, a dificuldade de aprendizagem que a gente observa nesse sentido de não se conhecer a si próprio, de não saber se as crianças não são

respeitadas pelo que elas são, os pais acabam determinando o modo que aquela criança deve ser.

Por fim a entrevistada, cita que a dificuldade de aprendizagem também está relacionada com o não se autoconhecer da criança, e a falta de respeito dos pais por quem ela é. Ela pode ser só uma criança, mas não é só uma criança, ela é pessoa. Tem seu projeto de vida, tem seu potencial, é uma vida que necessita de ajuda sim, mas mais ainda, necessita ser respeitada e empoderada para aquilo que ela deve ser na vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos compreender o papel da família no processo de aprendizagem da criança, dentro da abordagem da Pedagogia Ontopsicológica, para contribuir numa formação à autorrealização. Para auxiliar nesta compreensão, o estudo tem como objetivos específicos: a) estudar o que é a aprendizagem, para crianças que frequentam a Educação Infantil e Ensino Fundamental; b) identificar o que contribui e o que dificulta a aprendizagem das crianças na relação família-escola.

A pesquisa foi realizada através de uma revisão bibliográfica e de entrevistas realizadas com profissionais que atuam na área da educação e que possuem conhecimento sobre a ciência Ontopsicológica. Algumas delas já atenderam ou atendem crianças com dificuldade de aprendizagem, as quais também trouxeram exemplos vividos em frente á essas dificuldades encontradas na aprendizagem das crianças.

A partir da análise dos dados, pudemos observar que as dificuldades de aprendizagem podem ter origens diversas, como biológicas, psicológicas, sociais e pedagógicas, e que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento e na superação dessas dificuldades.

A família pode contribuir para o processo de aprendizagem da criança, oferecendo um ambiente afetivo, estimulante e acolhedor, que favoreça a autoestima, a autonomia e a motivação. Além disso, a família pode manter uma comunicação constante com a escola, acompanhando o desempenho e as necessidades da criança, bem como participando das atividades propostas pela instituição. A família também pode buscar apoio especializado quando necessário, para identificar e tratar as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem.

Por outro lado, a família pode interferir negativamente na aprendizagem da criança, quando apresenta problemas de relacionamento, violência, negligência, baixa expectativa ou pressão excessiva. Esses fatores podem gerar ansiedade, insegurança, baixa autoestima e desinteresse na criança, prejudicando o seu rendimento escolar. Nesses casos, é importante que a família receba orientação e suporte profissional, para que possa superar as suas dificuldades e oferecer melhores condições para a criança aprender.

Pois através das entrevistas realizadas e autores citados no presente trabalho, percebemos que na maioria das vezes, as dificuldades surgem na vida da criança, devido

às falhas que houveram na família provocadas pelos próprios erros dos adultos, mesmo que inconsciente muitas vezes e por falta de se autoconhecerem também, ou seja, se adultos falham na sua caminhada, há frustrações e ali não se encontra um adulto realizado. Essa frustração do adulto atinge a criança que é nova e esta em fase de desenvolvimento e precisa de boas referências para poder se realizar. Mas também é citada nas respostas das entrevistadas, que há solução no adulto que buscar se conhecer e perceber seu erro, corrigindo-o com responsabilidade. Esta ação, colocará o adulto no caminho certo novamente e será um homem sadio para ser referência na vida da criança que depende dele.

Diante do exposto, concluímos que as dificuldades de aprendizagem são um fenômeno complexo e multifatorial, que requer uma abordagem interdisciplinar e integrada entre a família e a escola. Mas principalmente a família deve buscar ajuda, procurar fazer terapia, se autoconhecer, se desenvolver como pessoa, pois é dela que depende aquela criança, e a partir da felicidade e realização da mãe ou adulto de referência, a criança também será feliz e aprenderá a se realizar na vida. Acreditamos que somente assim será possível promover o desenvolvimento integral da criança e garantir o seu direito à viver conforme ela nasceu para ser.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, José. A ergonomia cognitiva e as inteligências múltiplas. **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia-SEGeT**, VIII. Anais... Resende-RJ: ABREPRO, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70; 1979.
- BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L. de; NASCIMENTO, A. B. A ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO NA PESQUISA QUALITATIVA. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 23–38, 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17910> Acesso em: 16 jul. 2023.
- BEBER, Bernadette; SILVA, Eduardo da; BONFIGLIO, Simoni Urnau. **Metacognição como processo da aprendizagem**. Psicopedagogia, Itajaí/Sc, p. 144-151, 2014. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcgleclefindmkaj/http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v31n95/07.pdf. Acesso em: 18 maio 2023.
- BIESDORF, Rosane Kloh. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí*, v. 1, nº 10, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rir.v1i10.1148>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BRAGA, Simone da Silva; SCOZ, Beatriz Judith Lima; MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. Problemas de aprendizagem e suas relações com a família. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 24, n. 74, p. 149-159, 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862007000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CARVALHO, Helena Sofia Nunes. **A aplicação da Teoria de Inteligências Múltiplas de Howard Gardner no Ensino de Geografia**. 2018
- CASARIN, Nelson Elinton Fonseca; RAMOS, Maria Beatriz Jacques. FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR. **Psicopedagogia**, Porto Alegre, p. 182-201, 2007.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, [S.L.], v. 17, n. 36, p. 21-32, abr. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2007000100003>
- DÜRKHEIM, Émile. De la división del trabajo social. Buenos Aires: Schapire, 1973.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo em Perspectiva**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 44-50, jun. 2000. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88392000000200007>.

FERNANDES, Alexandra de Cássia Oliveira Galvão. A família na vida escolar. João Pessoa: UEPB, 2014.

FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. Cortez Editora, 2007. LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. Horizontes Antropológicos, [S.L.], v. 21, n. 44, p. 37-47, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832015000200003>.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIODANI, Estela Maris. A Pedagogia Ontopsicológica na formação do aluno como um ser responsável de sua aprendizagem. In: CONGRESSO RESPONSABILIDADE E RECIPROCIDADE, 1., 2011, Restinga Seca. **Atos do Congresso Responsabilidade e Reciprocidade**. Restinga Sêca: Amf, 2011. p. 40-46. Disponível em: <https://reciprocidade.emnuvens.com.br/rr/article/download/24/22>. Acesso em: 17 jul. 2023.

GIORDANI, E. M. **Pedagogia Ontopsicológica**: A formação integral da pessoa protagonista responsável. In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (Org.). **Ontopsicologia**: ciência interdisciplinar. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2015.

GIORDANI, E. M. Como educar crianças de seis a doze anos. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA (Org.). **Cultura & Educação**: Uma nova pedagogia para a sociedade futura. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIUSTA, A. da S. 1985. **Concepções de Aprendizagem e Práticas Pedagógicas**. In: Educ.Rev. Belo Horizonte, v.1: 24-31.

MARTURANO, Edna Maria. Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, v. 15, n. 02, p. 135-142, Não é um mês valido! 1999. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/ptp/a/HvHDrjQH6wjJMRKFF9MjyFQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 maio 2023.

MENEGHETTI, A. **A Psicologia do Líder**. 5. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2013.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Ed., 2012.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicologica**. 2.ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2005

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 2. ed. Recanto Maestro: OntoEd., 2005.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 4.ed. Roma: Psicologica Editrice,2007b

MIGUEL, Lúcia Oliveira dos Santos. **A importância da participação das famílias dos alunos no processo de aprendizagem**, visando ao sucesso escolar. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2272-6.pdf>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, M. A.; OSTERMANN, F. **Teorias construtivistas**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. (Textos de apoio ao professor de Física).

NEVES, Rita de Araujo; DAMIANI, Magda Floriana. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem**. *Unirevista*, [s. l], v. 1, n. 2, p. 01-10, abr. 2006. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3453/Vygotsky+e+as+teorias+da+aprendizagem.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 maio 2023.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, 183 p.

OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Cláudio José de Holanda. **Teorias de Aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/http://www.ufrgs.br/tri/sead/publicacoes/documentos/livro-teorias-de-aprendizagem>. Acesso em: 22/05/2023.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2001,116 p.

SPANHOL, C. I. D. A pedagogia nos primeiros anos de vida. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA (Org.). **Cultura & Educação: Uma nova pedagogia para a sociedade futura**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

TUNES, Elizabeth *et al.* O PROFESSOR E O ATO DE ENSINAR. **Cadernos de Pesquisa**, [S. L.], v. 35, n. 126, p. 689-698, Não é um mês valido! 2005. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v35n126/v35n126a08.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

VIRTUOSO, Leila. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Paraná – PE/ 2009. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_unioeste_gestao_escolar_artigo_leila_adriana_virtuoso.pdf. Acesso em: 28 de Maio de 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

1. Para você, o que é aprendizagem, dentro da abordagem da Pedagogia Ontopsicológica?

Respondente 1: Aprendizagem é o processo por meio do qual a pessoa adquire instrumentos que lhe permitem conhecer a si próprio e o mundo de modo autêntico.

Respondente 2: Eu não tenho um conceito meu, mas o conceito que eu uso, é o conceito que está no dicionário da pedagogia Ontopsicológico que é: “Me aproprio a partir do íntimo”, me apropriar do íntimo, é a capacidade de perceber, o que é para mim, que são de modelos operativos com memória de repetição, esse conceito de aprendizagem levou muito tempo para mim entender ele, eu não sei também se hoje eu entendo, porque ele é muito diferente do conceito de outros grandes autores, qual a diferença deste conceito dos demais conceitos? que este conceito, começa no [inaudível] me significa: “ eu sou”, isso já começa um entendimento bastante complexo, porque o eu, implica toda aquela parte do conhecimento da psicologia, do nascimento do eu, como é que eu nasci, então, claro que também tem todas as descobertas e tem que levar em consideração, porque se a gente não entende o campo semântico, o monitor de reflexão e o Em Si ôntico, a gente não tá falando de Ontopsicologia, a gente tá falando de uma outra coisa, mas não é a Ciência Ontopsicológica que parte desse princípio de natureza.

O Em Si ôntico, quando a gente fala de aprendizagem por exemplo “me aproprio a partir do íntimo” quando eu me aproprio a partir do íntimo, eu me aproprio a partir daquilo que eu sou, do meu Em Si ôntico, então, e depois tem: “disposição do que é aprender para mim”, essa ideia de disposição não tem nas outras teorias, diz que aprender a construir conhecimento.

Para Piaget, aprendizagem é construção de conhecimento, é isso também, mas o que é aprendizagem? É fazer essa proteção do mundo a partir desse “a partir daquilo que Ele é”, daquela forma que a vida colocou ali, então, “me aproprio a partir do íntimo, disposição a perceber do que é para mim” e essa disposição significa que tem o “eu” e o “eu lógico histórico”, que é um conceito bem complexo, que tem todo o lado, que tem toda a parte do nascimento do eu que irei falar também um pouco sobre isso para poder entender: “disposição de perceber o que é para mim”, então “disposição”, implica a vontade do indivíduo que tem que colocar a sua vontade, o seu esforço, a sua intencionalidade, então, “disposição para perceber o que é para mim”, o que é o Em Si ôntico, o que a vida deu para cada um.

Respondente 3: A aprendizagem no sentido geral ela é partícula da sociedade. A aprendizagem só se dá na relação com o outro, com o social. Para nós é impossível viver isolado. A sociedade é necessária e ela é um bem. Dá a possibilidade do indivíduo, inicialmente, a se descobrir na relação com o outro. O outro serve de confronto. Serve, na verdade na descoberta da própria identidade e das próprias potencialidades, elas nascem na relação com o outro. Então a aprendizagem, ela é necessária, é um percurso, não é que é necessária, ela decorrente do fato de existir. Alguma coisa a gente vai aprender sempre. Aprender a falar, aprender a caminhar, a ver que tem o outro, enfim.

Embora a criança, desde o início, ela já tem o seu... não posso chamar de identidade, mas ela tem o seu modo de se posicionar no mundo. Uma criança já nasce com, não posso dizer que é uma vontade, mas ela tem um instinto de ser. De fazer a diferença. Ela já se coloca como diferente na relação com o outro e se posiciona.

Se a gente observar as crianças que não foram distorcidas pela relação social, elas sempre querem contribuir de algum modo. Elas querem mostrar que elas também podem fazer. Elas querem colaborar. Então na relação com o outro ela vai aprendendo a como fazer, o que fazer. A aprendizagem é inerente ao fato de existir. É própria do ser humano.

Mas se nos quisermos falar da aprendizagem na escola, que já é um estereótipo do social, e que também é um estereótipo funcional, porque a criança sozinha não aprenderia. Ou seja, só na relação familiar não aprenderia tudo que ela recebe como aprendizado na escola, é ambivalente este aprendizado. Assim como ela aprende lá na família já, a falar. Aprende a dizer sim, a dizer não, aprende os modos afetivos, aprende as dificuldades que os adultos tem, e ela muitas vezes se identifica com as dificuldades com os adultos. Então quando ela chega na escola, ela já chega com um certo filtro que ela adquiriu na família. Porque o próprio aprendizado da linguagem, é uma imposição, ela precisa aprender a traduzir em símbolos o que ela teve como vivência organísmica. Tem a vivência organísmica da água, e ela precisa traduzir isso numa palavra, falar e ter um pensamento, que dependendo da língua, da família, vai ter uma carga emotiva, vai ter uma informação, que vem junto. Ou seja, não é a reflexão do próprio objeto em si, a palavra. Então, já tem um filtro. Então quando ela chega na escola, ela vai ter que aprender um estereótipo. Assim, como ela aprendeu dentro da família, a se comportar de um certo modo, é um estereótipo. Ela aprendeu a falar de um certo modo, é um estereótipo. Ela aprendeu uma língua, tem várias, português, inglês, italiano, sânscrito. a língua, o próprio código linguístico, já traz uma história com ela. E a família já traz a história da sua ascendência, etc. Então ela já é filtrada, quando ela aprende. Ela já recebe filtrada a informação. Dificilmente vai manter a sua originalidade de percepção. Então o aprendizado de fato, ele é adquirir estereótipos, seja lá na família, como na escola, na sociedade ou na comunidade, ela adquire estereótipos. Que sempre podem ser úteis e funcionais. As vezes coincidem com a realidade da vida, as vezes não. Mas a criança já tem um instinto, uma capacidade de se relacionar com a vida, com o ambiente, independente dos estereótipos que ela aprende.

Vou dar um exemplo: quando a gente estudava psicologia clínica, na minha formação em Psicologia, teve também muita informação médica, ou seja, era preponderante a faculdade de medicina. Então nós psicólogos sempre estudamos vários temas da medicina: neurologia, anatomia, embriologia, endocrinologia, hematologia, ou seja, tudo que diz respeito ao conhecimento médico, para depois poder diferenciar aquilo que seguia uma questão médica ou aquilo que seguia uma questão psicológica. Claro, ainda não tinha, como nesta faculdade a concepção de psicossomática, da Ciência Ontopsicológica, mas foi uma formação interessante.

E eles traziam sempre um exemplo assim, um menininho que logo começou a engatinhar e descobriu onde a mãe guardava o saleiro, o sal. E era embaixo da pia, numa portinha que ele alcançava. E ele foi em direção ao sal e começou a comer sal.

E aí - Nossa, o menino a recém começou a engatinhar e come sal! Essa família não tem o afeto adequado, que ao invés de procurar açúcar, ele come sal! Coisas mirabolantes.

Mas aí alguém cometa, mas espera só um pouco, vamos analisar porque ele come sal?

Foram no médico, fizeram exames, e ele tinha deficiência de sódio.

Mas quem que ensinou para ele que no sal tinha sódio?

Então, a sabedoria da criança é inata, e já vai buscar aquilo que ela precisa.

Quando ela recebe o filtro do aprendizado familístico, da família, de uma linguagem, modelo afetivo, de um tipo de mãe, de um tipo de vó, de famílias estruturas, famílias desestruturadas ou mesmo que seja no internato, no orfanato, vai ter sempre um adulto que vai ensinar alguma coisa para ela. Ela já sobre um filtro de um outro, de um adulto, que não necessariamente é mais sadio, ou mais organizado, não necessariamente é feliz. Então as vezes absorve aquela criança como compensação afetiva, e assim vai.

Então aprendizado, é sempre um aprendizado de estereótipos. Mas podem ser estereótipos úteis e funcionais para fortalecer a identidade da criança, depois do jovem, do adulto. Ou podem ser aprendizado de estereótipos que vão ocasionar um distanciamento da sua identidade. Mas sempre é aprendizado.

Então, aprendizado é fazer uma introjeção de estereótipos, seja funcionais ou não funcionais.

Respondente 4: A criança aprende fazendo. A criança gosta de fazer, trabalhar, investigar. É curiosa. Nós devemos facilitar essa possibilidade, sempre. Sempre, nunca negar no que ela queira colaborar, no que ela quer fazer. Dessa maneira ela aprende. Essa é a aprendizagem. É através da ação. Se aciona e se aprende. Se interioriza, se apropria do conhecimento, descobre as maneiras, os modos de, descobre claro os perigos, podemos adverti-lo. Mas nunca negar-lhe, ou dizer-lhe, explicar-lhe, quando há um perigo iminente. Porém, nunca assustar para que não faça, para que não aja. Podemos dizer, que no momento não, porque é muito pequeno, mas quando crescer, poderá fazê-lo sozinha. E ele vai dizer: mas eu já sou grande! Claro que é grande. A criança já é grande. Nasce toda inteira, toda completa. Já é. Mas necessita desenvolver esse projeto, esse modo, essa forma. E, precisa de tempo, precisa de tempo e acompanhamento.

Ajudá-lo. E como na Pedagogia, é coadjuvar a criança para o seu desenvolvimento do seu próprio projeto de natureza. Ou seja, ajudar, facilitar à ela. Dar as possibilidades. Não tirá-las, não substituí-las. Jamais. Jamais subestimá-la.

A criança é grande. E quando diz, eu sou grande! está certo. Ele é grande. Nós adultos rimos, achamos graça. Mas na realidade, quando nos colocamos a pensar e analisar, é real. Ela já é grande, e ela quer aprender a fazer o que fazem os grandes. Claro ela quer entrar no mundo dos adultos, e quer crescer, e crescer rapidamente. Devemos facilitar-lhes, sempre. Nas pequenas tarefas, e nunca substituir-la. Nunca, jamais. Ela aprende através da ação. Essa é a vantagem da Pedagogia Ontopsicológica.

Aprender através da ação. Não somente através da Pedagogia Ontopsicológica, mas também as correntes mais modernas da Pedagogia. Mas nós temos um conhecimento a mais, que é o Em Si ôntico. Devemos favorecer o desenvolvimento, que descubra, e que se descubra. Descubra tudo o que pode fazer. Quão poderoso é tudo o que pode aprender. E confiar em si mesmo.

Esse é o grande ponto. fazer o que sente, ajudá-lo, acompanhá-lo, a que aprenda a perceber-se, a sentir-se. A que se questione, ao o que for fazer. E bom, temos que também ajudar nisso. Que ela estabeleça seu próprio juízo, a ver sobre que caminho seguir. E bom, o que sente? Precisa aprender a ouvir as palavras e sentir. Sentir, é muito importante. Desde pequeno. Na escola, se podem lhe ensinar, ele vai se preparando para isso. Incluindo exercícios de percepção, por

exemplo, canções musicais.

Meus alunos não são tão pequeninhos, já são um pouco maiores, porém, utilizo a música de ontoarte, alguma obra do Professor Meneghetti, e pergunto onde sentem a música, onde lhes golpeia, onde pulsa, e eles já dizem imediatamente, mesmo que pareça difícil. Não em absoluto, não é nada difícil. Para eles é como um jogo. Um jogo maravilhoso que vão aprendendo a conhecer-se. Fundamental, a percepção organísmica. A percepção organísmica é a primeira manifestação do Em Si ôntico. E, portanto, podemos fazê-lo com crianças muito pequenas.

Respondente 5: Levando em conta os conceitos que tem dentro da Pedagogia Ontopsicológica e o próprio significado da aprendizagem, que tem no dicionário da Ontopsicologia, a aprendizagem ela se dá quando a criança encontra um significado dentro dela mesma com aquilo que ela está tendo contato e normalmente ele vem junto com uma expressão, um som específico, quando a criança tá ali dialogando contigo e ela faz : “agora eu entendi”, para mim aprendizagem, considerando a pedagogia é quando faz sentido, é quando aquilo que tu tá conversando com a criança, aquilo que ela tá pesquisando quando ela tá inserida no contexto que a gente pode dizer na sala de aula, na sociedade, onde for e ela se dá conta de que dentro dela fez sentido para ela, no íntima dela fez sentido aquilo, que ela está tendo contato. Essa é a aprendizagem que eu entendo, que eu comecei a compreender, a partir do conhecimento da Pedagogia Ontopsicológica que é uma aprendizagem que parte de dentro da criança, é um tornar-se aquilo que você está conhecendo, é um aprendizagem que dá em cada ser de modo particular, que vai entrar em contato com desconhecido, vai estudar, vai interagir com ele até o ponto que aquilo se torne algo para ela, também isso é um aprendizagem não é quando você vai decorar alguma coisa, é quando faz sentido para ti, é quando aquilo se torna você, quando ela enxerga nas coisas do dia a dia aquilo que está sendo explicado, então a aprendizagem dentro da abordagem da pedagogia psicológica, é como diz a própria definição do dicionário, se apropria a partir do íntimo, eu conheço aquilo a partir do íntimo que eu sou. Então as minhas com as minhas necessidades, com as minhas buscas, eu me aproprio e busca aquilo, aquilo que eu sou e não do modo como um professor faça que eu decore, com o professor vai passar no quadro, é aquela relação de contato com o novo. É até a criança fazer: “Ah é assim”, para mim é aí que ocorre a aprendizagem.

2. Em relação à família, no seu entender, qual o papel dela na aprendizagem da criança? (pode contribuir e/ou prejudicar?)

Respondente 1: Geralmente, a família (em sentido amplo: os pais, um orfanato, um kibutz etc.) é o primeiro ambiente onde a criança começa a aprender a vida. O ambiente familiar pode contribuir com o aprendizado dela, na medida em que os adultos de referência sejam pessoas realizadas de forma integral (saúde psicofísica, profissão, relações afetivas e sociais, prazeres estéticos etc.).

Caso os adultos sejam pessoas que não consigam prover à satisfação harmoniosa dos próprios instintos, podem acabar compensando na criança as suas frustrações, prejudicando, então, o processo de aprendizado dela.

Alguém que não conheça a si mesmo e não consiga se relacionar com a vida com vantagem individual – e, por consequência, com ganho também coletivo – como pode auxiliar uma criança na delicada estrada do (auto)conhecimento? Somente podemos auxiliar, educar, acompanhar a criança naquilo que, de fato, já aprendemos com vantagem integral para a nossa vida.

Respondente 2: Eu vou te contar um caso que eu atendi, um dos casos, os últimos que eu

atendi, que depois que eu descobri como é que funcionava, eu não queria mais trabalhar com problemas de dificuldades de aprendizagem, porque de fato eu entendi que seria tratar o problema que já tinha acontecido, era muito difícil tratar o caso, tem que tratar na origem, tem que trabalhar com a formação das pessoas do adulto para que isso aconteça, o caso é de uma criança, de uma pessoa bem famosa na cidade com liderança muito conhecida e que naquela época ainda tinha a primeira e segunda na escola, então essa criança estava no primeiro ano do jardim da infância, tentaram colocar na escola mas ele não ia, tentaram no segundo ano do Jardim de Infância, ele também não conseguiu, então quando chegou no primeiro ano, ele teria que frequentar a escola e a criança não queria ficar na sala de aula de jeito nenhum, já tinha ganhado tudo que era presente e tudo que é castigo, enfim a família até tinha chamado a polícia militar para por ele dentro da viatura da polícia a força e jogaram na escola, até isso tinha acontecido já e quando eu fui trabalhar com a criança, eu sempre trabalho com a mãe, com a professora e com a criança e daí quando eu fui trabalhar com a mãe, o que eu descobri, eu descobri que ela, quando era jovem, a mãe muitos anos atrás ela tem várias irmãs e uma irmã dela da capital veio com o filho dela e eles estavam indo tomar sorvete e a criança se desprende da mão dela e a criança, foi atravessar a rua e foi atropelada e faleceu essa criança e daí o que tinha acontecido com essa mãe, ela tinha medo que o filho dela morria também, pois ela sentia dentro dela que ela tinha matado o filho da irmã dela, ela se sentia responsável pela morte do sobrinho dela, então ela teria que super proteger até onde não pudesse o filho dela e ela vivia assim e ela não vivia a vida dela, ela vivia em função de super proteger aquela criança e na medida em que eu fui orientando ela fazer as coisas que ela gosta, a criança começou a se desenvolver. Obviamente o aluno estava em atraso escolar, pois não havia frequentado o primeiro e segundo ano do pré e os seus colegas já sabiam ler e escrever e já estava na metade do ano, mas eu orientei a mãe e a professora tudo que queria teria que desenvolver e daí ele voltou a aula e foi acompanhar, mas onde estava o ponto? o ponto estava na superproteção da mãe, mas por que ela super protegia.

Então, em cada situação, tem uma coisa diferente, “é a família”, todas as teorias falam que é a família, mas o que na família? aonde na família? porque na família? entende? então, quando eu fiz a dissertação de Mestrado em 1992 na UFRGS, eu estudei crianças com problemas de aprendizagem, uma turma inteira e eu descobri que, por exemplo, naquela época já era uma epidemia, quase uma pandemia e hoje já virou uma pandemia o problema de aprendizagem que as crianças dormem com os pais, então isso é um problema porque? porque a criança deve ter seu espaço físico e ao mesmo tempo psíquico, então dormir com o pai e a mãe é um problema de vez em quando, mas toda noite com pai e a mãe, o casal precisa ter a sua individualidade, a sua vida de casal precisa se realizar como um casal, precisa também ter afeto sexual e se tem uma criança dormindo junto, eles não consegue fazer a relação sexual, porque vai ter a desculpa de estar o filho junto, então se os adultos não conseguem viver essa carga erótica sexual entre si, aonde é que você acha que vai ser canalizado na criança? na criança, então dificilmente canalizam no trabalho, se fosse canalizado no trabalho, estaria bem também, se fosse canalizado na sua realização estaria tudo bem, mas se canaliza na criança e geralmente a mãe fixa o adulto mãe, que pode ser uma avó também, uma tia, que pode ser uma babá e não necessariamente pode ser a mãe, pode ser uma empregada, pois muitas crianças são educadas pelas empregadas, eu tenho muitas alunas que foram educadas como se fosse seu filhos, a mãe só via os filhos de noite e a criança já estava dormindo, já tinha tomado banho, já tinha comido. Então nesse caso, o adulto mãe de referência dessa criança era a babá..

Então, este hábito dos filhos dormir com os pais, sempre dá problema, pode dar problema de aprendizagem, pode dar problema de saúde e outros pode dar problema de comportamento e outros dá problema social, enfim cada um vai estourar, digamos assim em áreas diferentes, mas o problema vai acontecer, algum problema vai dar.

De onde que vem o problema de aprendizagem? Vem do problema do ser humano não fazer evolução de natureza, de onde vem o problema de comportamento? De onde vem o problema da doença? vem dali, então, o que a gente vê de vários autores que não se fala do problema de aprendizagem que se pode resolver, claro, como uma criança que nasceu com síndrome de Down, por exemplo, tu não tem mais como retornar, agora uma criança com problema de aprendizagem, você tem como resolver, o problema de aprendizagem é uma coisa mais simples de se resolver, porque, o que é o problema de aprendizagem? quando a gente fala, a gente está falando de uma criança que troca a letra, que não consegue ler, nem interpretar um texto, que tem déficit de atenção, de uma criança que não faz nada dentro da sala de aula, não falando de uma criança que tem retardo mental, tu tá falando de uma criança que apresenta uma dificuldade, que ela pode demorar mais para aprender que ela que tem dificuldade do pensamento lógico, do pensamento matemático, ela tem dificuldade de expressar as ideias, ela tem dificuldade de escrever, ela tem dificuldade de aprendizagem, mas tem muitas crianças hoje em dia, a gente tem também muito na escola, que existe problemas emocionais e tudo é tratado como um problema ideológico, por exemplo, a dificuldade de se concentrar, a criança não presta atenção, a questão é que, a atenção, ela é formada ou seja, assim como o sentimento, a gente aprende a gostar de estudar, a gente aprende a não gostar de estudar, então, a atenção ela também é aprendida, só que os professores não entendem isso, nem mesmo os professores de Educação Especial, eles acham que essa atenção é alguma coisa ideológica, que nasceu assim e que vai ser sempre assim e que vai morrer assim, então se tem déficit de atenção, significa que só remedinho vai resolver, mas não é verdade, então aonde é que é o problema da Déficit de Atenção? aonde que vem o problema? vem de vários lugares.

Outro fator que é quase generalizado, que são: as telas, telas do celular, as crianças estão virando zumbis por conta dos jogos e quem está deixando essas crianças como os zumbis é a mãe, a mãe que compra o celular, a mãe que deixa essas crianças jogarem no celular por horas, porque se a mãe não deixasse, ele nem ficaria jogando, porque ele é apenas uma criança.

Tem uma outra coisa também que interfere muito no problema da aprendizagem, que é o casal quando se encontra, que é um fator determinante. Depois tem o sexo e depois tem toda a questão no campo semântico, porque o que que essa mãe informa? o que esse ambiente informa constantemente a esta criança? então essa informação de Campo semântico, ela é poderosíssima, mas ninguém leva em consideração.

Informação de Campo semântico, Qual é a informação de Campo semântico que esse adulto está colocando dentro dessa criança? e essa informação que vai estruturar, que vai gerar aquele modelo operativo, mas não só a informação do campo semântico, tem também a informação do Campo etérico, que é o campo da energia vital do corpo e que também é essa energia visível com as máquinas Kilian, que é a energia mas física na nossa vitalidade, daí tu imagina uma criança convivendo no ambiente que não tem essa vitalidade.

Tudo é questão de cuidado, porque se a pessoa cuida o próprio corpo, a própria casa, a própria saúde, isso interfere no campo etérico dela e daí quando essa pessoa começa a se descuidar disso, tudo isso interfere no campo etérico dela e quando você está perto dessa pessoa, você também se sente mal, então tem o campo semântico e também tem o campo etérico.

Também podemos adicionar o conceito da díade que o professor Antonio Meneghetti fala, do conceito de díade, que a gente sempre está em díade, é inevitável a relação hoje em dia e qual é

a díade que evita problema de aprendizagem? aquelas duas primeiras, tem vários tipos de díade, O que é díade? é a relação a dois, onde movente não pode viver sem o coincidente do hetero movente, então naturalmente é díade nessa relação mãe e filho deveria chegar no tempo onde cada um, a mãe não tivesse mais essa simbiose com o filho a mãe é uma vida e a criança é outra vida e cada um vai fazer a sua história, a sua trajetória, a gente tem dois tipos de díade patológicas, a díade tanático regressivo, o que é tanatos? significa mortal, é uma díade de morte então, é interessante levar em consideração qual é o estilo de díade que a família tem com aquela criança e é óbvio que tem que mudar o estilo de díade com aquela criança, mudar a relação não é que agora vamos deixar de falar com todo mundo não, mas é mudar o modo de relação.

Também tem é díade repetitiva ou obsessiva, essas duas díades provoca os problemas de aprendizagem, porque são díades diz que não fazem a pessoa evoluir. A primeira é a mais terrível, podemos dizer, mas a segunda também não deixa o indivíduo evoluir, então qual é o estilo de díade que é o melhor? É quando o ser humano faz a sua relação e se relaciona de forma inteligente e com ganho para mim e com ganho para outra pessoa.

Porque, hoje qual é o maior problema? o maior problema é o da superproteção, a hiper proteção que a mãe faz pelo filho, que faz tudo pelo filho e a gente vê isso que hoje isso também reforça muito, as professoras também dão tudo a elas, explicam para criança, elas fazem para criança, a criança não precisa fazer nada, então quando a gente tá falando de aprendizagem e um dia a gente tá pensando e fazendo que uma criança, ela tem capacidade de pensar, por exemplo se a criança pede para nós, o que que é isso? a gente diz é uma caneta, se a gente está pensando na pedagogia ontopsicológica, querendo trabalhar, a gente devolve a pergunta, e o que que tu pensa que é? o que que tu percebeu que é? isso aqui ah, eu vi que você estava escrevendo, isso e o que mais? a criança não é burra, ela só está perguntando para ti, porque ela só quer saber a tua opinião, mas não que ela não saiba, a criança é muito inteligente e a gente não trata ela como ser capaz ou ser inteligente a gente substitui ela, a gente fica falando: Ah isso é uma caneta, Isso serve para escrever, isso massacra a capacidade de criatividade da inteligência da criança.

Então se o adulto age com a criança como se ela fosse burra, ela vai se fazer de burra, porque não tem vantagem para criança ser inteligente. Se tiver vantagem, se o ambiente da vantagem para ela ser deficiente ela vai se fazer de deficiente. Se o ambiente mostrar vantagem para ela ser eficiente, ela vai ser eficiente, ela vai fazer esse comportamento, só que nas escolas os professores não agem desse jeito, Por que? porque eles agem da mesma forma com os filhos em casa, que eles educaram os filhos assim.

Então veja o quanto é importante estudar a pedagogia ontopsicológica, procurar conhecer único, porque a gente pode ajudar muita gente e ninguém pode obrigar o outro a querer conhecer o seu Em Si ôntico, ninguém, cada um tem que escolher, é uma escolha que cada um faz, mas quando a criança sabe da outra possibilidade, de outro caminho que ela pode escolher, ela pode ou não escolher, mas ela tem esse outro caminho.

Então no problema de aprendizagem é muito importante destacar sobre a relação da Díade, se ela vem a ser negativa ou de evolução e essa díade de evolução é a díade onde o profissional quer que a criança evolua. Agora, o problema de aprendizagem hoje virou uma epidemia nas escolas e não adianta estudar o que é problema de aprendizagem, tu tem que estudar pedagogia

ontopsicológica que é a única forma de saída e eu sei disso, porque eu estudei isso, na minha formação onde realizei várias pesquisas na minha especialização, no meu mestrado e foi através do professor Antônio Meneghetti na Pedagogia ontopsicológica de que descobri de onde é a origem dos problemas de aprendizagem.

E ao tratar com os pais esse problema de aprendizagem dos filhos não devemos levar em consideração a culpa, pois a culpa é do monitor de deflexão, porque a culpa de quando se faz algo errado não tem como mudar, mas deve-se mudar a realidade dela, agora é preciso trabalhar a responsabilidade e não a culpa. E qual a diferença entre a responsabilidade e a culpa, a responsabilidade você entende, por que você fez aquilo, você entende o porquê fez aquilo e você escolhe não fazer mais, isso é a responsabilidade. Então existe essa outra dimensão dentro da pedagogia ontopsicológica que é fundamental, onde a gente trabalha o problema de aprendizagem, não só o problema de aprendizagem é fundamental na vida do ser humano que a criança escolhe, o professor Antônio Meneghetti diz que a criança escolhe dentro do ventre materno.

A criança escolhe quem ela vai ser, existe o livre arbítrio, cada pessoa vai escolher se ela quer ser uma pessoa do bem ou uma pessoa do mal, que tipo de vida vai querer, fazer, então tem a família que influencia bastante, mas também tem um indivíduo, por isso no conceito de aprendizagem que a gente estava vendo, tem “me apropriado” e tem o “eu”, que é a instância da decisão, do livre arbítrio do indivíduo, da estrutura da personalidade do ser humano, o “eu” é o livre arbítrio e a instância do eu é o que decide se quer ou não quero, eu faço ou não faço. Essa escolha pode ser feita pela criança desde muito cedo, desde o ventre da mãe.

Papel da família na aprendizagem da criança na verdade é o papel de adulto mãe, a família ela contribui, mas quem determina é o adulto mãe, o adulto mãe é determinante, que seria o adulto de referência que não necessariamente é a mãe, pode ser uma avó, pode ser uma tia, pode ser uma babá, um pai, enfim onde a criança for criada hoje em dia pode ser muito relativo, quem cria a criança nem sempre é a mãe.

Respondente 3: Milagrosamente tem certas crianças que sobrevivem a certas famílias, e vão bem na escola em determinado período, e depois se não trai a si mesmo, ela consegue se resolver bem na vida.

O Professor Meneghetti, contava um pouco sobre a sua vida, e que tem em alguns livros também.

Ele foi um menino que nasceu durante a Guerra, nasceu em 1936. E, não necessariamente numa família feliz, bem estruturada. A mãe vivia doente, o pai no front, então ele vivia um pouco a avó, um pouco com a família, com a mãe, com os irmãos, ou junto com outras famílias... e tinha um grupo de crianças que viviam no meio da Guerra na rua. Ele fazia parte deste grupo. Teoricamente era uma família desestruturada, era uma situação desestruturada, era uma Guerra.

Mas ele mencionada que deste grupo de meninos de rua, nenhum deles fracassou na vida. Todos foram exitosos, felizes, realizaram o próprio percurso, realizaram a própria sanidade,

realizaram a própria economia e "venceram na vida".

E, isso coloca um questionamento, afinal a família, família estruturada? Hoje, com tanto bem-estar que se tem... Por que as crianças tem dificuldades de aprendizagem? Estamos falando da aprendizagem nas escolas.

[a Aline diz - e na família] , em relação a família. As dificuldades de aprendizagem em relação a família.

[Aline - se ela pode prejudicar ou contribuir nesta aprendizagem]

Considerando que a família é a célula da sociedade. Portanto, é a partir da família que se constrói a sociedade. É a partir da família que se constrói as escolas, as igrejas, as comunidades... teoricamente é a célula da sociedade.

Então, se é na família que se tem o fundamento para todos os efeitos sociais, a dificuldade de aprendizagem também se aprende na família.

As coisas que podem nos garantir, bem-estar e aquelas que causam, que nos causam, que nós causamos, problemas para nós mesmos. Tudo tem origem na família.

A família é um núcleo onde se reúnem adultos, teoricamente deveriam ser. Mas não existe uma escola para formar pai e mãe. A única escola que o pai e a mãe tem, é a própria família de origem.

Se nós formos olhar a história das famílias, de geração em geração, os problemas são geralmente similares, daquela geração, nesta e desta...

De uma família muito pobre, pode nascer um bilionário. Mas não garante que ele vai ser uma pessoa, que ele vai ser feliz. Ele vai ter muitas coisas. Até para compensar uma dificuldade inicial naquela mãe, daquele pai, mas não se garante que ele realizou o projeto dele. Pode ter realizado o projeto da situação daquela mãe. Que sendo muito pobre, informou o filho para ter muitas coisas, para compensar uma falta que ela teve. Não garante que este é o projeto de natureza do filho ou da filha.

Então cada família pode contribuir com estereótipos úteis e funcionais nos seus descendentes, mas também pode contribuir com estereótipos que vão impedir seus descendentes de realizar os seus projetos de natureza. Que uma frustração, uma não realização, de uma mãe, de uma vó, que [inaudível] das mulheres, que são as que conduzem a dinâmica dentro da família, da sociedade, uma frustração, uma não realização, e o filho pode se identificar com aquela frustração, com aquele não realização. E vai executar também na sua história, um processo de frustração, uma processo de dificuldade, de não realização. Isso se reflete em todos os âmbitos da pessoa.

Dependendo do tipo de, a gente sabe que tem, estudando a Ciência Ontopsicológica, a gente sabe que lá na infância tem as primeiras distorções, ou seja, quando a criança é falsa consigo mesma para manter aquele afeto familístico, aquela relação ao adulto mãe, ela desenvolve um estereótipo, onde ela faz um teatro para ela mesma, e não acessa o seu real potencial. Tá sempre no teatro de salvaguardar um possível afeto, que ela não quer perder lá na infância, que para ela era importante, etc, etc. E a partir deste primeiro desvio que ela faz, do seu próprio

instinto, ela vai desenvolver depois estereótipos específicos na relação com a sociedade. Ela pode desenvolver, quando tem a possibilidade de fazer um processo de autorrealização, de assumir, de aprender mais sobre a vida, sobre refazer um processo de autorrealização, ela pode fugir no vício, pode fugir na psicossomática, pode fugir na depressão, pode fugir tendo comportamentos anti-sociais, e assim por diante. Ou seja, ela executa aquela frustração que ela aprendeu do adulto mãe nas diversas áreas fugindo, negando, impedindo, o seu processo de autorrealização. Cometendo erros contra a própria identidade.

Neste sentido, a família pode ajudar. Se é uma mãe ambiciosa, que compreendeu algumas coisas e faz o processo de autorrealização medianamente, ela pode favorecer a autonomia dos filhos, para que eles façam o caminho deles, que façam o processo de autorrealização. Mas se é uma mãe frustrada, que não fez o processo de autorrealização, fez autossabotagem, que errou contra a própria identidade, possivelmente ela vai promover o fracasso dos seus filhos, por identificação deles com ela. Então, tanto a família pode contribuir como pode dificultar, impedir.

E hoje as famílias são bombardeadas, digamos assim, por esse mundo da Internet, por esse mundo das redes sociais, por esse mundo da globalização virtual.

A globalização sempre existiu, mesmo antes do descobrimento da América, já se fazia viagens intercontinentais. Temos Marco Polo, entre outros. Então a globalização sempre existiu, os povos sempre se comunicaram entre eles. Depois no mundo da ciência, o Oriente e o Ocidente, viajavam, se conheciam desde a Grécia Antiga, depois Roma. E na contemporaneidade, cientistas de 1800 quando se fala da escola de medicina, depois psicologia, os estudiosos iam para a Alemanha, passavam por Florença, Suíça. A globalização sempre existiu.

Hoje, acontece uma globalização mecânica, com esta informação contínua da máquina. Dos jovens dentro do celular, das famílias dentro do celular. Que com essas informações a família quase perdeu a sua força. Tanto de formar o bem como o mal. Hoje a família é perpassada por esse universo que na maioria não se pode dizer que é sadio, porque todos colocam ali a sua estrutura complexual. Todos colocam ali a sua patologia. A criança tem acesso a patologia da família e a patologia dos outros universos. Embora, cada um seleciona aquilo que condiz com o seu estereótipo, com o seu complexo. Então busca, seleciona, por meio do uso do celular, aquilo que reforça a sua estrutura complexual.

Mas no geral, a gente cria crianças e jovens que não tem mais um sentido de existir. Que perde o sentido de existir. Porque não se conhecem. Se conhecem pelo espelho negro.

Então a patologia da família sempre ficou no social, e hoje de modo muito piorado com as redes sociais. Qualquer assassino hoje entra na sua casa, por meio do celular. E assim, temos que ter adultos mais sensatos, mais capazes, de organizar esse contato.

Tem aquele filme - Redes Sociais - que é triste de ver como a massa é manipulada, como os jovens são manipulados, como as crianças são manipuladas. Até permitem o acesso ao celular dos seus filhos. Os donos do Google, os donos do Facebook, não tem celulares. Eles frequentam escolas tradicionais. Mas nós, a massa, incentivamos. Enchemos as escolas com computadores, a criança já nasce com o celular na mão. E faz parte biológica, não consegue se separar daquela máquina. Então hoje, tem essa dificuldade ainda que a família enfrenta. Essa

dificuldade, a da patologização por meio das redes sociais.

Assim, a família pode sim contribuir, se tiver adultos que consigam fazer mais seu processo de autonomia, de sanidade, contribui para a aprendizagem da criança com estereótipos evolutivos, que ajudam na evolução. Se forem famílias, que tem adultos doentes, que não realizaram seu projeto, que fazem autossabotagem contínua, que também não encontraram o sentido de existir, eles vão informar a criança no aprendizado, num mundo que vai levá-los a falência. Falência existencial, não necessariamente a falência econômica, mas não vão encontrar o sentido de existir.

Por isso a importância das descobertas da Ciência Ontopsicológica. Fundamentalmente o Em Si ôntico. No processo de educação, se o professor ou os pais conhecem, e fazem conexão com o próprio Em Si ôntico, fazem seu processo de realização conforme o Em Si ôntico, também vão ajudar a criança a fazer isso. Porque a Pedagogia Ontopsicológica, é a arte de coadjuvar a criança à realização, mas também por meio das informações do seu Em Si ôntico. Todos tem um. O que levava aquele menininho a buscar o sal?

Respondente 4: A família é tudo para a criança. A família pode ser um ser, uma pessoa. A família é o lugar onde a criança sente segurança, estabelece essa díade, que pode estabelecer com a mãe, que pode ser a mãe biológica ou não. Em geral é a mãe biológica, porém, pode ser qualquer ser da família ou não. Um orfanato, a pessoa que a cuida, a babá essas pessoas podem chegar a ser os referentes afetivos, emocionais que lhe dão a segurança, com quem se sentem que não estão desamparados, que estão protegidos. A criança, diferente de um filhote de cachorro por exemplo, é o que é mais dependente mais anos. E é dependente de um adulto por muitos anos. Depende por muitos anos desse adulto que tem a criança. E quando recém-nascido, se não tem um adulto que o cuide, ele morre. É sério. Então, esse adulto precisa desse adulto que garanta a sobrevivência. Esse adulto é tudo para ela. E então ela faz qualquer coisa para agradar esse adulto. E assim, é muito delicado. E é muito importante que esse adulto, seja um adulto são, um adulto realizado. E aí o papel da família, que é o adulto-mãe, com quem estabelece essa díade, é fundamental, essa pessoa, suponhamos que seja a mãe biológica, essa pessoa, não é uma pessoa feliz, está insatisfeita, está frustrada, em algum aspecto da sua personalidade da sua pessoa. Por mais que tenha tudo, de repente não é feliz. Quicá talvez tenha tido outras expectativas em sua vida e não as alcançou, e essa criança pode ser uma moléstia ou algo que a impeça de realizar-se, e descarrega contra essa criança uma certa rebeldia/raiva, uma certa frustração, insatisfação.

Uma mulher insatisfeita afetivamente, emocionalmente, sexualmente, ou seja, essa mulher que decide ser mãe, dever ser como a fruta numa torta, deve ser o corolário, a coroa de ouro, de uma trajetória de uma vida, de um esforço, de um transcórre da sua vida, que alcançou autonomia econômica, alcançou uma certa posição social, e vai vir com o seu par ou está sozinha, mas decide ser mãe. Porque sabe, sente em seu mais íntimo, que ter um filho vai lhe completar.

Então está perfeito, esse filho é querido, é desejado. Não por obrigação, porque a sociedade exige, ou porque já chegou determinada idade e precisa ser mãe. É uma decisão pessoal da mulher, muito pessoal. E, se decide não ter filhos, está tudo bem. É decisão dela.

Portanto, a família, a mãe, o adulto-mãe, o adulto que é referência afetiva e emocional desta criança, tem que ser um ser realizado, feliz, um ser satisfeito. Pode contribuir ou prejudicar totalmente. Pode fazer as duas coisas. A contribuição pode prejudicar.

Respondente 5: Em relação à família, no seu entender, qual o papel dela na aprendizagem da criança? (pode contribuir e/ou prejudicar?)

Pode contribuir e prejudicar, porque se você entende que aprendizagem é algo íntimo e particular que faz sentido para cada ser, a família muitas vezes vai que mesmo que de forma não consciente sempre querendo o melhor, então para criança ou para o indivíduo que faz parte daquela família, ela vai de certa forma dizer como tem que ser, o que é importante saber, ou como é importante saber, daí você começa a dar uns parâmetros e alguns discernimentos e acaba não respeitando o íntimo daquela pessoa, daquela criança, então na minha família as pessoas têm que trabalhar num determinado serviço, fazer determinados estudos, porque a mãe, o pai e a mãe são assim e a família pode prejudicar no sentido de não deixar a criança ou qualquer ser dentro daquela família buscar por si próprio, essa aprendizagem acaba percorrendo caminhos que a família já disse que são certos, ou os melhores, não que isso seja feito com uma má intenção.

Enfim, como eu já falei às vezes se faz pensando no melhor, mas às vezes não se respeite essa intimidade de cada ser, no conhecer as coisas, no aprender as coisas e daí tu acaba impondo um modo de como se relacionar com o novo que não é daquele ser humano, que não é daquela criança, o pai como a mãe, a família pode prejudicar sim, como pode contribuir no sentido de estar sempre que possível instigando esta criança a entender quem ela é, conhecer as suas relações e os seus sentimentos com as quais ela impacta, para ela entender o que faz sentido e o que não faz sentido para ela, como ela vai ao longo do tempo descobrir como ela aprende, e de que modo ela aprende, de que modo ela pode fazer a sua aprendizagem, quais são as formas que ela tem, de como impactar com as coisas e conseguir tirar dela o que faz sentido para ela.

Uma família pode ser determinante no sentido de determinar como essa criança vai se relacionar com o novo, mas essa família também pode ser uma instigadora de abrir o espaço e a mente desta criança no sentido de que ela seja sempre muito aberta à contatar o novo e fazer essa relação sempre a partir dela e não a partir do modo como a mãe ou pai dizem que tem que ser. eu acho que pode contribuir, se respeitar o íntimo dessa criança e pode prejudicar no sentido de muitas vezes querer proteger demais ou dizer como as coisas devem ser feitas.

3. A dificuldade de aprendizagem de uma criança, segundo a Pedagogia Ontopsicológica, pode ter relação com a família? Como?

Respondente 1: Caso os adultos sejam pessoas que não consigam prover à satisfação harmoniosa dos próprios instintos, podem acabar compensando na criança as suas frustrações, prejudicando, então, o processo de aprendizado dela.

Respondente 2: Então, se aprendizagem é a disposição de perceber o que é para mim e se a pessoa não tem essa disposição para perceber o que é para si, daí tem que se perguntar o porquê ela não tem essa disposição, e ela vai assimilar uma outra coisa, aí já estamos no campo do problema, a gente já não está mais no campo da evolução da pedagogia ontopsicológica, porque o que é pedagogia ontopsicológica compreende? a pedagogia ontopsicológica é fazer o indivíduo evoluir segundo o seu critério de natureza, isso que é fazer aquele processo dos três

momentos, primeiro momento é a reação da doxia societária, primeiro você se distingue daquilo que é, um meme da sociedade, o superego social, as coisas que você aprendeu, porque daí vem um um conceito de aprendizagem profundíssimo, então o conceito “me apropriado a partir do íntimo” e “disposição do que é para mim”, daí vem aquisição de modelos operativos. O que é modelos operativos? eu adquiro uma forma de como relacionar com as coisas, uma forma de operar, é como o se eu implantasse um sistema operacional, que pode ser um sistema operacional que vai me fazer me desenvolver ou um sistema operacional que não vai me desenvolver, que quando tem lá no conceito de pedagogia condutas vencedoras ou se ele é um indivíduo a ter condutas vencedoras, ajudar ele a escolher, ajudar a ele a ter a disposição, de perceber o que é para ele.

Então nos modos operantes, o indivíduo por meio da aprendizagem vai adquirindo o modelo operativos, então esses modelos operativos significa que ele tá sempre adquirindo modelo operativo, ele adquire o modelo operativo, o problema é ter vontade, esse modelo operativo faz o indivíduo crescer e evoluir, fazer ele se tornar um líder de capacidades, de condutas vencedoras ou não evolução. Então a aquisição de modelos operativos com memória de repetição, então ele vai repetindo. Eu gosto muito de uma psicopedagoga, a Sara Paim que diz que todo ser humano aprende, inclusive a não aprender, então o problema de aprendizagem não é uma não aprendizagem, também é uma aprendizagem, o problema é que a não aprendizagem que gera para ele uma dificuldade de se relacionar com o mundo, com as coisas e a pergunta é: porque então ele assimila um modelo operativo que não é funcional para ele? então onde está o problema? então o problema de aprendizagem não está no que é aprendizagem?

Nós seres humanos aprendemos tudo, inclusive aprendemos a não aprender, tudo que somos e sabemos é derivado de nossa aprendizagem, porque assimilamos modelos operativos que não são funcionais a nós, o problema de aprendizagem já acontece antes, por exemplo no livro da pedagogia ontopsicológica fala que o problema ocorre muito antes, lá no relacionamento do casal ou seja antes de ter a vida você tem que pensar nessas duas pessoas que estão se encontrando, essas duas pessoas estão se encontrando por conta de um prazer, de uma alegria ou elas estão se encontrando a partir de mecanismos e conscientes que talvez nem saibam, então isso tudo foi o encontro do casal e quem é o casal e de que casal que se trata, é um casal por exemplo que é totalmente errado um para o outro por conta dos anseios ou são duas pessoas que se encontram por conta dos seus complexos ? que se complementam e não por meio da alegria de viver e da sua evolução?

Então, aí, já temos o problema, podemos dizer que 90% deste problema temos na sociedade, mergulhado nesse mar, porque as pessoas não nascem com um desejo de se autoconhecer e de descobrir quem elas são, então já é o primeiro ponto, o segundo ponto, o professor Meneguetti fala que é fundamental, é o ato sexual na hora da relação do casal, como está essa mãe? Como está esse pai? Principalmente, como está a mãe? Como está o campo etérico dela? ela está alegre? ela tá esforçando?, o porquê está fazendo aquela relação?

Então naquele momento, naquela hora ali já acontece o erro, por conta dessa intencionalidade psíquica, porque é muito forte, é determinante a intencionalidade psíquica. O professor Antônio Meneghetti cita no livro, no Capítulo “fanciullo como fenomenologia do espírito”, na página 19, ele cita: “sim notei que todas as crianças com deficiência repartidas, eram as mais ricas de fenomenologia do Espírito ou seja de Em Si ôntico, mas sofreu de modo devastador a informação, parte ativa e permaneceram numa definição, no sentido figurado nem para essa

história e nem para seu ato intrínseco.”

O que acontece então, não só os problemas de aprendizagem aqui também, todas as deficiências, síndromes raras. Onde está a origem? o professor diz nesse capítulo: Ele vai dizer que toda forma de educação é uma forma de aliciamento e de não evolução a criança, que o adulto faz com que ela repita esse problema a sua vida e não se desenvolva com uma novidade de existência ali, e claro se ela veio para fazer algo que não era para ela fazer, de alguma forma ela vai reagir e a forma de reagir pode ser doença quando a gente entra no campo da fenomenologia é muito grande, pode ser doença, pode ser pode ser muitas coisas.

Respondente 3: O que eu tenho observado na minha prática clínica, as mães vêm reclamando das dificuldades dos filhos, mas as mães tem que fazer psicoterapia, porque as crianças são dependentes daquela mãe, daquela avó que tem algum vínculo na família, mas sempre é a família, pode ser uma babá, uma empregada, mas sempre está no âmbito familiar.

A criança é dependente afetiva, quando eu notei as dificuldades de aprendizagem, as questões afetivas também são importantes no processo de aprendizagem, na unidade de ação, as questões afetivas pode ser desde da criança fazer um contato, de se interessar, de ter a curiosidade, de querer saber ou se ficar frio distante tudo, são questões afetivas. Uma criança que tem dificuldade afetiva, ela vai ter dificuldade de fazer contato com outro, com as crianças, com professor e outras coisas, com as plantas com que ela tá aprendendo, se ela tem dificuldade de fazer contato, é uma dificuldade afetiva, se ela não consegue se controlar, é uma dificuldade afetiva, se ela é muito sensível, também é uma dificuldade afetiva, todas as questões devem ser avaliadas um por um.

Mas da onde vem essa aprendizagem psicoafetiva? A gente aprendeu essa aprendizagem psicoafetiva, porque cada criança nasce com treinamento próprio, o temperamento é inato, ela pode ter um temperamento mais doce, sensível, agressivo, é um temperamento, faz parte como ela nasceu, ela nasceu assim, ou ela tem uma prepotência ou ela tem uma delicadeza, ou ela tem uma doçura, depois a família impõe o modelo que não necessariamente coincide com o temperamento da criança, quando ela tem dificuldade de aprendizagem. Então existe uma uma distonia de como ela é e como a família impôs o modelo que ela fosse, uma criança pode ser dócil e a família impõe que ela seja agressiva, que ela faça as coisas ou ela tem um temperamento mais forte, mais agressivo, mais impositivo e a família fala que: “Ah, isso é feio, isso é coisa de pessoa mal educada”, então a criança vai aprendendo duas mensagens, uma daquilo que ela é, que é o temperamento dela e outra que a família impõe, então acontece esse rompimento de como ela percebe o mundo, o modo de se relacionar com as pessoas.

Outra coisa é dependendo da sanidade dos pais, porque hoje é bem difícil encontrar pais sadios até porque, eles também vieram de outros estereótipos, outras dificuldades, então quando os pais têm dificuldade ou individualmente, uma mãe tem dificuldades psicológicas que não se resolveu, que não se realizou ou o pai ou entre eles daí os dois se encontram para sofrer, casam para sofrer e um reforça o problema do outro e os filhos acontecem, que passam para ser foguetes entre os pais, da mãe que luta contra o pai ou da mãe que luta contra avó para dizer que ela é melhor mãe do que a mãe, daí a mãe diz uma coisa, a vó diz outra, o pai fala uma coisa a mãe diz outra e a criança não sabe mais como se conduzir, então quando a criança chega na escola ou ela chega com uma ansiedade exacerbada ou com sofrimento dentro e ela

não consegue se posicionar frente ao aprendizado, como: “Ai que bom que tem uma novidade para eu aprender”, ela tá sofrendo já ou então a família é super protege, que tudo faz para ela, a criança nem se mexe: “Ah você quer água? então da água” ou do não aprender a falar que não precisa pedir, pois todo mundo alcança para elas as coisas e ela não precisa pedir, aí dentro da sala de aula os coleguinhas não são bonzinhos, as crianças se dizem as coisas: “ Ah o teu nariz é torto, Olha só tu tá fedendo” as crianças dizem, aí a criança tem que administrar aquilo ali, a melhor escola para uma criança são as outras crianças, você tem que se virar.

Também hoje em dia nesses grupos de WhatsApp, as mães sempre estão interferindo a professora, não consegue fazer nada, se as crianças se batem as mães já estão em cima, mas é preciso deixar a criança aprender a se defender, faz parte, é a sociedade, é a primeira sociedade ali para criança. Sim, então a família contribui para ela não aprender, dificulta a criança, porque a criança acaba sendo um poço de descarga das patologias do adulto e na escola ninguém vai dar o que não tem, vai dar o que trouxe de casa.

E hoje para ser professor é bem difícil, pois existem vários desafios, mas também é um belo exercício para se resolver dentro da sociedade, para poder desenvolver esse papel de professor, que aprende uma série de coisas, como a diplomacia e ajudar as crianças apesar da loucura do social.

Respondente 4: Em minha classe tenho 30 alunos. Tenho 30 mães!

À parte de ter 30 Em Si ônticos dos meus alunos, tenho 30 mães atrás de cada um deles. Obviamente conheço as mães, porque no início do ano tenho uma entrevista séria. Entrevista séria e profunda. Então eu conheço a esta pessoa, a mãe, ou de quem não tem nada de mãe e vem a representação da mãe. Pode vir a representação da díade, como a avó, porque a mãe trabalha, a mãe nunca está em casa, e o referente afetivo é a avó. Pois bem, vou falar e entrevistar a avó.

E faço um estudo, uma análise, e vejo, sinto essas pessoas, os gestos o que me dizem, detalhes, detalhes que me dão informações riquíssimas do entorno, do contexto de onde vive essa criança. Portanto, já vou conhecendo essa família. Já sei como se movem, que carência pode ter essa criança, como é tratada, ou como não é tratada. Posso saber muitas coisas. Saber essa mulher, ou essa pessoa que vem falar como referente desta criança, onde está situada, que situação emocional.

E depois, no decorrer do ano, transcorre o tempo, já sei como é a família, e já sei que se a criança não dorme bem a noite, é porque em sua casa há um caos, uma desordem total, e chega e dorme na escola, chega sem as meias, chega sem vestimentas para o frio em pleno inverno. Então já sei que é assim, e que ela vai ter que enfrentar sozinha a sua vida. Vai ter que resolver o seu problema. Eu não posso fazer nada sobre ela. Não posso fazer nada em relação a realidade que toca a sua vida em sua casa. Mas sim, posso fazer muito por ela nestas quatro horas que está comigo. Eu posso lhe dar força, posso empoderar-la. Já tive uma aluna assim, e por isso a cito como referência. Empoderá-la com a sua própria força. Ela já pode, ela já sabe. E já pode seguir adiante. Ela dormia na aula, mas ela pode seguir adiante, contemplava muitas coisas, não terminava o trabalho.

Porém, nunca, jamais, ser cúmplice dessa situação. Ao contrário, se não termina, termina mais tarde, ou termina amanhã. Mas não abandonar o que ela teria que fazer, pelas circunstâncias.

Que seguisse, porque é uma menina inteligente, uma menina capaz.

Obviamente que estamos falando de crianças com inteligência normal, crianças normais. Tudo o que estou me referindo é com crianças de inteligência normal. Aquela criança que tem algum déficit intelectual, também vou fazer para descobrir tudo o que posso. Por que? Porque a criança vem da família, com um conceito de si mesmo, que o aprendeu. Escute os comentários da mãe: Ah esse fulaninho... não tem nada a ver com o primogênito. Com o primogênito nunca tive problemas... Então aí já está o problema! o mano primogênito é o exemplo da família, e ele é o problema, o que causa dor à mãe. Outro exemplo, é: ah gosta tanto de matemática, e eu desde criança também gostava de matemática. Ele é igual a mim!

Não, não é igual a ela. Ela aprendeu que este é um modelo, um modelo aprendido pela mãe. E, parecer-se com a mãe é um orgulho. Obviamente é a sua ídola. Então ter o mesmo problema que a mãe ao ir para a escola, para ela não é um problema. Para a criança está bem, ela se crê igual a mãe. E, não. Ela é um ser completamente diferente. Distinto. Com um Em Si ôntico próprio, pessoal e com características próprias. Então eu tenho que fazer essa criança descobrir que não é o que ela crê. Essa ideia que tem de si mesma. Não. Ela é outra coisa. E quando ela consegue resolver, consegue triunfar, consegue o êxito com uma tarefa, há uma festa. Ela se dá conta. há um aplauso. E muda o estímulo, muda o autoconceito, a autopercepção. Se antes, acreditava que não podia, agora sabe que pode.

E, é maravilhoso ver ao longo do ano, no transcorrer dos meses, e comparamos, entre eles mesmos, fizemos uma autocrítica, uma análise, da situação de cada um, para ver como estão em relação ao início do ano. E eles riem de si mesmos. Riem, das palavras, das coisas que faziam, de como se acreditavam antes. Se descobriram que estavam equivocados. E se trabalha com alegria, felicidade. Isso é fundamental, a alegria. Trabalhar com alegria, aprender com alegria. Eles já são entusiastas, são alegres, portanto, aprender em alegria, seguir adiante, e descobrir-se, isso é maravilhoso. As aulas em classe, são a contraparte da família. Tenho que ser o espelho que mostre como ele realmente é. Que se descubra como realmente é, e como realmente pode. Cada um, inclusive os que não tem a mesma capacidade intelectual, eles também têm uma possibilidade de realização. Podem conseguir vencer dificuldades que se creem mais profundas, e acabam não sendo são tão profundas, pois conseguem vencer e seguir adiante. E esse descobrimento é maravilhoso.

Essa tarefa de formação ou de ajudar a desenvolver o projeto de natureza de cada criança e em todos os dias, e a cada instante, isso é maravilhoso.

Respondente 5: Se a família estabelece uma relação com esta criança, onde ela não tem espaço de busca, ela não tem espaço de construção, porque sempre tem um adulto que vai dar as coisas prontas, que vai sempre de modo imediato explicar as coisas como é, de modo como é, essa criança acaba não desenvolvendo a curiosidade, a vontade de saber como as coisas são, de descobrir a busca pela descoberta e entender como as coisas funcionam, porque elas são colocadas de modo pronto, desde muito cedo, ela se depara com as coisas prontas, como por exemplo: ela precisa de alguma coisa, essa coisa aparece, ela quer ver como é, essa coisa já está pronta.

Então ela acaba desenvolvendo também, o que a gente vem falar depois de dificuldade de aprendizagem, pelo fato de não ter passado por este processo, por não ter passado no ambiente familiar essa busca pela descoberta ou pelo fato de fazer as suas coisas. De não dar conta de pequenas tarefas diárias, então a família se coloca nessa situação de super proteger, de

providenciar tudo que a criança precisa, de modo imediato pode acabar repercutindo na questão da aprendizagem, porque ela não vai se propor a uma busca, ela não vai se propor e colocar em contato com o novo ou entender porque ela não passou por esse processo.

Em casa também e às vezes também o próprio ambiente familiar é um ambiente familiar que envolve algumas patologias, algumas doenças podem também interferir nessa criança de modo psicológico, físico, pode também acarretar dificuldades e aprendizagem. Às vezes a criança está com dificuldade de aprendizagem, muitas vezes você vai investigar a fundo, é uma dificuldade que o pai e a mãe têm de se relacionar dentro de casa ou às vezes é uma outra patologia que a criança possa apresentar em função desse ambiente familiar e acaba trazendo essa dificuldade de aprendizagem.

O termo dificuldade de aprendizagem, está associado a uma dificuldade de relação que a criança tem ou com os adultos ou a relação desses adultos ou a relação dela com o novo que seria essa aprendizagem. Então respondendo a tua pergunta a dificuldade de aprendizagem de uma criança pode ser e pode ter relação com a família sim, eu vejo e entendo que 99% dos casos sim é relacionado com o modo que a criança é criada desde muito cedo, o modo como ela vem sendo educada. Claro, a gente tem também a nossas dificuldades de aprendizagem, associadas a uma síndrome, a uma patologia, que se forem investigar a fundo, também tem relação com a família.

Enfim, o termo dificuldade de aprendizagem por si só, ele na maioria das vezes está associado ao padrão de relação que existe dentro do ambiente familiar.